



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGE

ALINE ELLEN NUNES DE CARVALHO

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES VENEZUELANOS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO: UMA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL DE EDUCAÇÃO**

BOA VISTA, RR

2022

ALINE ELLEN NUNES DE CARVALHO

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES VENEZUELANOS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO: UMA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL DE EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Roraima - UFRR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Linha II: Educação e Processos Inclusivos - Sujeitos e Contextos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ivete Souza da Silva

BOA VISTA, RR

2022

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C331p Carvalho, Aline Ellen Nunes de.

O processo de inclusão dos estudantes venezuelanos em uma escola pública da rede estadual de ensino: uma perspectiva intercultural de educação / Aline Ellen Nunes de Carvalho. – Boa Vista, 2022.

85 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Ivete Souza da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Educação.

1 – Educação Intercultural. 2 – Imigração Venezuelana. 3 – Inclusão. I – Título. II – Silva, Ivete Souza da (orientadora).

CDU – 37.015.4

ALINE ELLEN NUNES DE CARVALHO

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES VENEZUELANOS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO: UMA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL DE EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Roraima - UFRR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Linha II: Educação e Processos Inclusivos- Sujeitos e Contextos.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ivete Souza da Silva
Orientadora/ Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRR

Prof.^a Dr.^a Cinara Franco Rechico Barberena
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRR

Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos
Programa de Pós-graduação em Educação - UFSM

APROVADA em 06 de abril de 2022

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e aos meus filhos Alice Emanuele e Adam Emanuel, que me fazem querer lutar por dias melhores e por uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** por todos os dias cuidar da minha vida e dos meus sonhos. Sem ele nada seria.

Aos meus pais, **Eva e Manoel** (in memoriam) por estarem ao meu lado, incentivando e apoiando-me em tudo o que faço e planejo fazer. Todos os dias agradeço a Deus por ter sido tão bom comigo me concedendo a graça de tê-los como pais. Amo vocês demais.

Aos meus filhos, **Alice e Adam**, vocês são o motivo pelo qual acordo todos os dias, minhas inspirações diárias, meus presentes divinos. **Alice** obrigada por todas as vezes em que me disse: “mãe, a senhora vai conseguir, a senhora é maravilhosa!”. Você não sabe o quanto suas palavras me deram força para seguir em frente. **Adam**, meu filho amado, sua chegada junto com o mestrado foi uma grata surpresa. Lutar com você me mostrou que posso ir mais além do que eu imagino. Amo vocês mais que tudo.

Ao meu esposo e companheiro diário **Marcos Paulo**, grata por segurar a minha mão nas vezes em que pensei em desistir, por me apoiar nas minhas lutas diárias e nos meus objetivos. Você faz parte dessa conquista.

Ao meu irmão **Allyson**, por todas as vezes que me ajudou nessa caminhada dando atenção aos meus pequenos e demonstrando-me o amor verdadeiro entre irmãos. Obrigada mano.

Ao meu amigo e advogado **Dr. Thiago da Silva**, por ter vestido a camisa ao desempenhar sua missão, mostrando-me que profissionalismo, competência e humildade devem caminhar lado a lado.

A minha orientadora **Profa Dr^a Ivete S. da Silva**, gratidão pelas conversas, pelo apoio e por todo o conhecimento compartilhado. Sua ajuda foi essencial nesse processo.

Aos professores do **Programa de Pós-Graduação em Educação** da Universidade Federal de Roraima-UFRR, pelos saberes compartilhados.

A minha banca de qualificação, **Profa Dr^a Cinara Franco Rechico Barberena** e **Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos**, que honra ter aprendido com vocês, que orgulho eu tenho.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE**, pelo incentivo e

propagação de conhecimentos relacionados à educação como um todo no Estado de Roraima.

“Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A questão imigratória, com destaque para a venezuelana, tem suscitado inúmeros debates em decorrência das consequências advindas de tal processo. No limiar dessas discussões, destacam-se as implicações no sistema educacional roraimense que tem sido um dos pontos mais afetados por conta da mobilidade humana intensa que vive o Estado, o que vem exigir da população em geral e da escola em particular posicionamentos e atitudes que respeitem as diferenças culturais existentes. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar os desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho em Boa Vista-RR, numa perspectiva intercultural de educação. Utilizando como objetivos específicos: Analisar como ocorre a inclusão dos alunos venezuelanos na Escola Estadual Olavo Brasil Filho e qual a contribuição da perspectiva intercultural para esse processo; Investigar quais os desafios surgidos na referida instituição a partir da imigração venezuelana e conhecer as ações realizadas como projetos, acolhida, palestras entre outras, na instituição de ensino em prol dessa demanda e do seu desenvolvimento educacional, que certamente fortalecerá a entrada e permanência desses estudantes na instituição de ensino. Para tal, recorre-se a uma abordagem qualitativa, sendo que o estudo em questão se direciona primeiramente a uma revisão bibliográfica a respeito da temática proposta, usando o questionário, adaptado ao momento atual, como instrumento para a coleta dos dados, seguindo para a posterior análise das informações adquiridas. E assim, dada a pertinência do tema, contribuir com os subsídios teóricos alcançados no que se faz menção à imigração venezuelana, à inclusão e à interculturalidade.

Palavras-chave: Imigração Venezuelana. Inclusão. Educação Intercultural.

ABSTRACT

The immigration issue, especially the Venezuelan one, has raised numerous debates because of the consequences arising from such a process. On the threshold of these discussions, the implications for the Roraima educational system stand out, which has been one of the most affected points due to the intense human mobility that the State experiences, which demands from the population in general and from the school in particular, positions and attitudes that respect existing cultural differences. Thus, the present research has the general objective of analyzing the challenges encountered in the process of inclusion of Venezuelan students regularly enrolled at the Olavo Brasil Filho State School in Boa Vista-RR, from an intercultural perspective of education. Using as specific objectives: To analyze how the inclusion of Venezuelan students in the Olavo Brasil Filho State School occurs and what is the contribution of the intercultural perspective to this process; Investigate the challenges that have arisen in that institution from Venezuelan immigration and know the actions carried out such as projects, reception, lectures and more, in the educational institution in favor of this demand and its educational development, which will certainly strengthen the entry and permanence of these students at the educational institution. To this end, a qualitative approach is used, and the study in question is primarily directed to a bibliographic review on the proposed theme, using the questionnaire, adapted to the current moment, as an instrument for data collection, followed by the further analysis of the information acquired. And so, given the pertinence of the theme, to contribute with the theoretical subsidies reached in the mention of Venezuelan immigration, inclusion and interculturality.

Keywords: Venezuelan immigration. Inclusion. Intercultural Education.

RESUMEN

El tema migratorio, en especial el venezolano, ha suscitado numerosos debates a raíz de las consecuencias derivadas de tal proceso. En el umbral de estas discusiones, se destacan las implicaciones para el sistema educativo de Roraima, que ha sido uno de los puntos más afectados por la intensa movilidad humana que vive el Estado, que demanda a la población en general y a la escuela en particular, posiciones y actitudes que respeten las diferencias culturales existentes. Así, la presente investigación tiene como objetivo general analizar los desafíos encontrados en el proceso de inclusión de los estudiantes venezolanos matriculados regularmente en la Escuela Estadual Olavo Brasil Filho de Boa Vista-RR, desde una perspectiva intercultural de la educación. Teniendo como objetivos específicos: Analizar cómo se da la inclusión de estudiantes venezolanos en la Escuela Estadual Olavo Brasil Filho y cuál es el aporte de la perspectiva intercultural a ese proceso; Investigar los retos que se han presentado en dicha institución a partir de la inmigración venezolana y conocer las acciones realizadas como proyectos, acogida, charlas, entre otras, en la institución educativa a favor de esta demanda y su desarrollo educativo, que sin duda fortalecerá el ingreso y permanencia de estos estudiantes en la institución educativa. Para ello, se utiliza un enfoque cualitativo, y el estudio en cuestión se dirige principalmente a una revisión bibliográfica sobre el tema propuesto, utilizando el cuestionario, adaptado al momento actual, como instrumento para la recolección de datos, seguido por el análisis adicional de la información adquirida. Y así, dada la pertinencia del tema, contribuir con los subsidios teóricos alcanzados en la mención a la inmigración venezolana, la inclusión y la interculturalidad.

Palabras clave: Inmigración venezolana. Inclusión. Educación Intercultural.

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Divisa de Roraima com os Países da Venezuela e Guiana.....	32
Figura 2 - Identificação da Escola Estadual Olavo Brasil Filho	45
Figura 3 - Entrada da Escola Estadual Olavo Brasil Filho	45
Figura 4 - Mural do Projeto “Duas Culturas e uma Nação”	47
Figura 5 - Produções dos alunos referentes ao Projeto	47

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado da Nações Unidas para Refugiados
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
IMDH - Instituto de Migrações e Direitos Humanos
LDB - Lei de diretrizes e Bases da Educação
MEC - Ministério da Educação e Cultura
OBF – Olavo Brasil Filho
PROEG - Pró-Reitora de Ensino e Graduação
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRR – Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 CONVERSA INTRODUTÓRIA	15
1.1 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO: COMO ELA ESTÁ ORGANIZADA?..	15
1.2 TRAJETÓRIA: LIMITES E POSSIBILIDADES	16
1.3 INTRODUÇÃO	22
1.3.1 Objetivo Geral	24
1.3.2 Objetivos Específicos.....	24
CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 Reflexão acerca da imigração brasileira em um contexto geral.	26
2.2 Educação e Intercultura: O processo de inclusão dos estudantes venezuelanos.....	35
CAPÍTULO 3 METODOLOGIA	40
3.1 Trajetos da Pesquisa.....	40
3.2. Escola Estadual Olavo Brasil Filho: o lócus motivacional para minha pesquisa.	45
CAPÍTULO 4 DESVENDANDO INFORMAÇÕES	49
4.1. Principais desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos em um contexto geral.....	49
5 CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	

CAPÍTULO 1 – CONVERSA INTRODUTÓRIA

1.1 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO: COMO ELA ESTÁ ORGANIZADA?

Atualmente nos encontramos diante de um contexto social que vem sendo dinamizado pela diversidade cultural requerendo de todas as esferas sociais a atenção devida para que todos tenham seus direitos garantidos e o mais importante, para que nenhuma pessoa seja penalizada ou excluída simplesmente pelo fato de não fazer parte de determinada região ou país. Nesse contexto, o olhar voltado ao fluxo migratório se faz de extrema necessidade, haja vista que toda essa mobilidade humana coopera para a ocorrência de modificações intensas que tanto contribuem quanto dificultam o processo de chegada, acolhimento e fixação dessas pessoas.

Sob essa ótica, problematizar e refletir a respeito da educação, em especial da inclusão dos imigrantes venezuelanos, é discutir meios de como acolher, incluir e garantir a cidadania a quem está sem qualquer perspectiva de vida. Além de buscar através de uma perspectiva intercultural de educação valorizar o “ser” em toda a sua conjuntura, integrando-o de forma com que ele obtenha a capacidade de atuar em uma realidade até então desconhecida.

Assim, a respectiva pesquisa tem como objetivo geral analisar os desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho em Boa Vista-RR numa perspectiva intercultural de educação. Para tal, foram pensados os seguintes objetivos específicos: analisar como ocorre a inclusão dos alunos venezuelanos na Escola Estadual Olavo Brasil Filho e qual a contribuição da perspectiva intercultural para esse processo; investigar quais os desafios surgidos na referida instituição a partir da imigração venezuelana e conhecer as ações realizadas como projetos, acolhida, palestras entre outras, na instituição de ensino em prol dessa demanda e do seu desenvolvimento educacional.

A referida produção teórica está organizada em quatro capítulos, sendo o Capítulo I destinado às questões introdutórias da pesquisa, seu problema e objetivos; o Capítulo II voltado ao referencial teórico; o Capítulo III aborda os caminhos metodológicos percorridos; e o Capítulo IV desenvolve a análise dos dados e ao final apresento as respectivas conclusões.

1.2 TRAJETÓRIA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Minha trajetória é marcada por conquistas,
meu escudo foi a fé.
(Aline Carvalho, 2021)

Iniciar a respectiva produção escrevendo a respeito da minha trajetória e da relação com a temática pesquisada requer mais do que simplesmente apresentar ao leitor meu percurso enquanto estudante e docente, demanda reviver emoções e vivências que contribuíram para que meu “eu” sempre tivesse um olhar voltado ao outro, àquele que necessita ser atendido, valorizado e respeitado. Confesso que recordar esses pormenores não será tão fácil, mas certamente será repleto de orgulho e trará ainda mais motivação para continuar caminhando. Relembrar o vivido é trazer à tona o oculto, as dores, o incerto, os dissabores, mas também alegrias, conquistas e vitórias de quem sempre buscou caminhar de maneira justa por entre as pedras. Sendo assim, dividir um pouco da minha história servirá a partir de agora como um elo até o término desta leitura.

Nascida e criada no interior do Estado de Roraima, mais precisamente no município do Cantá, antes chamado de Colônia Braz de Aguiar, sempre tive contato com pessoas que ofereciam o que tinham de mais valioso ao outro: o amor, respeito, amizade e por incrível que pareça trouxe em meu íntimo essas lições. Filha de um dos pioneiros do referido lugar, enfermeiro exemplar (que também exerceu as funções de tratorista, motorista, administrador, agricultor e delegado) e de uma professora maravilhosa, que faziam de tudo para ajudar o próximo, busquei lutar pelos meus objetivos levando comigo a garra e os ensinamentos que eram repassados a mim e aos meus irmãos.

Durante a minha infância, o contato com os moradores, colegas de escola, visitantes e os enfermos atendidos pelo meu pai oportunizavam-me viver mais intensamente e adquirir responsabilidade tão cedo, característica que não necessitava ter sido despertada tão precocemente. Entre as andanças pelas regiões do município durante o período de campanhas de vacinação observava como viviam as pessoas e como muitos necessitavam de ajuda, sendo por vezes fáceis de serem resolvidas. Nossa casa era visitada por todos, não havia exclusão e nem seleção de pessoas, o que importava era que ali seriam bem recebidas e conseqüentemente voltaríamos a vê-las. Com isso, fui aprendendo que o valor das pessoas estava

nelas não importando o que possuíam ou ofereciam, o mais valioso era saber que podíamos ajudá-las de alguma forma e que elas ficariam felizes mesmo que momentaneamente.

Durante a minha infância, ainda muito pequena, já via o estudo como o meio que eu teria para ter do que viver no futuro, conseguir vencer na vida, expressões que volta e meia utilizamos para motivar outras pessoas, embora isso não sendo tão simples como pareça. Destacava-me como aluna, tímida, mas estudiosa e dedicada com tudo o que me prestava a realizar.

Egressa do ensino público, pensava em fazer algo que pudesse ajudar de alguma forma outras pessoas e via em minha mãe a paixão com que ela falava de sua profissão, desde as vitórias até mesmo as dificuldades enfrentadas em um lugar e em uma época que não se tinha estabilidade laboral e nem direitos que hoje os servidores públicos possuem. Este foi um dos estímulos que me fizeram adentrar o campo da educação, em especial da Licenciatura Plena em Letras, que contribuiu para que alcançasse o meu tão sonhado primeiro emprego.

De início não adentrei como professora, mas sim como assistente de aluno, momento em que mesmo ganhando um valor ínfimo me realizava enquanto pessoa e profissional, o que para muitos daquele lugar era desnecessário, pois ao estar cursando uma faculdade não deveria aceitar aquele posto. A universidade - a princípio - me tirou do meio rural e me trouxe para a cidade, abriu meus olhos para outro “mundo”, novas amizades, descobertas, desafios e muitos conhecimentos. Concluindo a licenciatura, fui aprovada em dois concursos públicos na área educacional, desse modo, pude ver que todos os meus esforços tinham valido a pena, as noites em claro, os dias na correria e os choros muitas vezes incontroláveis serviram de estímulo para que pudesse seguir em frente. E assim eu continuei minha caminhada.

Evidentemente que nesse meio tempo muitas coisas aconteceram em outras áreas da minha vida: enfermidades, perdas, decepções, tristezas, mas no fundo eu sabia que o melhor estava por vir, Deus sempre me mostrava isso, como ainda mostra. Incentivo em casa não faltava, meus pais sempre nos estimularam a estudar, sermos íntegros, humildes e pessoas de bom coração mesmo que em nossa trajetória houvesse decepções.

Pulando essa parte, ao ser aprovada, fui trabalhar em uma localidade daquele município, Serra Grande II, para minha surpresa a saudade de casa, as aventuras,

nova moradia e os obstáculos surgidos me faziam mais forte e dedicada com que eu tinha escolhido como profissão. Ressalto que essa fase foi verdadeiramente uma lição de vida em todos os aspectos, já que além de cumprir com meu dever pude ver a vida de outro prisma e mais uma vez observei que a felicidade pode sim ser encontrada onde menos esperamos.

Aqui caminhava com “minhas próprias pernas”, tomava as minhas decisões, errava e acertava, por vezes a solidão me acompanhava, mas em outros instantes a companhia das pessoas que ali residiam trazia consigo os melhores ensinamentos e as verdadeiras demonstrações de afeto. Quão agradecida eu sou por ter vivenciado tudo isso. Logo retornei e passei a ministrar aula na escola da sede do município do Cantá tornando-me colega de profissão dos meus antigos professores.

Todos esses aprendizados andavam em consonância com a minha escolha profissional, a educação que já era genética se fazia cada dia mais forte e presente em minha vida, lecionar me satisfazia, aprendia todos os dias com as dificuldades em ser professora de início de carreira e em encontrar tantos desafios que me faziam pensar em desistir. Porém, ao adentrar em sala de aula percebia que mais do que alunos ali estavam seres humanos necessitando de ajuda e que mereciam alçar voos maiores, aquela era a oportunidade que eu tinha de colaborar para que meus alunos sonhassem com dias melhores, a escola para alguns era o refúgio dos problemas vivenciados em casa o que acontece até hoje.

Tentava fazer com que o aprender fosse mais do que simplesmente uma transferência de conteúdos programáticos e sim que trouxesse a eles um entendimento sólido e uma perspectiva de dias melhores, tudo isso a partir da nossa relação baseada no respeito, diálogo e escuta. Nesse contexto, posso citar Freire (1996, p. 71) “[...] é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala *com* ele, mesmo que, em certas ocasiões precise falar a ele [...]”.

Nesse meio tempo, cursava minha pós-graduação buscando conciliar trabalho e estudo. Desempenhei também a função de coordenadora do polo da Universidade Aberta do Brasil- UAB em parceria com a UNIVIRR, a qual me trouxe muitos conhecimentos na área. Mas, ainda tinha outro sonho, cursar Bacharelado em Serviço Social, curso que a meu ver contribuiria ainda mais para a minha profissão e me daria oportunidade de ajudar aqueles que fazem parte dos grupos mais frágeis e vulneráveis da sociedade.

E assim foi feito, concluí minha outra graduação e toda a gama de conhecimento me fez me ver quantas disparidades e injustiças existem em nossa sociedade e quão necessário é que tenhamos profissionais atuantes, competentes e principalmente dispostos a entender o outro em sua completude. Lembro aqui de Paulo Freire (1996) ao dizer “eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Os anos foram passando o amadurecimento pessoal também se fez presente e os anseios por novas conquistas continuavam. Aqui adentro meu instante atual, o Mestrado em Educação, algo que chegou, como dizem, para me mostrar quão forte e corajosa sou. Só destaco que para poder cursá-lo enfrentei vários desafios, mais nenhum deles me fez parar de sonhar e de usar a ocasião em prol de outras demandas que necessitam. Ufa! A batalha foi grande, mas muito pequena para quem tem fé.

Passar para dois mestrados é algo que traz sim muita satisfação, faz você ver o quanto é capaz. Ter tido a oportunidade de cursar o Mestrado em Educação em uma universidade pública e na minha cidade é motivo de gratidão e motivação para continuar nesse árduo caminho, além de saber que desenvolvi minha pesquisa sob a orientação de profissionais competentes e habilitados. Tentar o processo de seleção foi uma decisão um tanto repentina e elaborar o projeto ainda mais. Escolher o tema da minha pesquisa foi algo que mexeu muito comigo, pois queria trazer ao debate uma temática que me chamasse atenção, que estivesse em voga socialmente, que servisse de base para trabalhos e estudos posteriores, além é claro que me instigasse como estudante, profissional e futura pesquisadora da área.

Na seleção do mestrado, tive a oportunidade de escolher a linha de pesquisa que mais me identificava, Linha II: Educação e Processos Inclusivos: sujeitos e contextos. E por que trabalhar nessa perspectiva? A resposta vem a partir de anseios em aprimorar meus conhecimentos relacionados a inclusão e aos processos inclusivos, além de trazer ao debate um assunto de extrema importância e que por muitas vezes parece estar naturalizado na esfera educacional. Nessa linha, refletimos, estudamos e nos apropriamos de conhecimentos a respeito de temáticas educacionais vigentes, como a inclusão e diversidade, educação e as novas demandas sociais, a exemplo a imigração, o olhar ao outro, o papel da escola nos processos inclusivos, nos ajudando a compreender a conjuntura que permeia nossa

sociedade e os contextos nos quais estamos inseridos. Além desses fatores tive a oportunidade de entender mais claramente como ocorre a inclusão dos estudantes venezuelanos na escola em questão, processo inclusivo este que está direcionado ao acolhimento, aceitação, entrada e permanência desses alunos no referido ambiente escolar.

Trabalhando no setor da Orientação Educacional da Escola Estadual Olavo Brasil Filho, tive contato diário com estudantes brasileiros e venezuelanos, acompanhava as dificuldades diárias dos imigrantes e de todo o corpo docente da instituição que tentava de várias formas prestar um serviço de qualidade a toda a demanda atendida. A partir das experiências vivenciadas e do interesse próprio em relação à problemática venezuelana e conseqüentemente roraimense, a temática envolvendo imigração venezuelana e educação em Roraima me deixava ainda mais motivada e com a ânsia em estudá-la. Outro fator que colaborou para esse ponto foi que a referida instituição de ensino possuía em sua metodologia de trabalho e em seu cronograma de atividades projetos visando a integração e o respeito entre os educandos sem diferenciação de nacionalidades.

Com base nas teorias proporcionadas tanto pelo Serviço Social quanto pela licenciatura e pela prática diária, o interesse pela pesquisa com a temática outrora citada surge em um instante em que nosso estado necessita de estudos que possam contribuir àqueles que tem interesse em tal debate. Nosso sistema de ensino precisa de adequações e reformulações que possam incluir efetivamente essa clientela que diariamente busca através do ensino público roraimense melhorar sua condição de vida atual ou pelo menos, sonhar com isso, além do fato que tais adaptações irão colaborar no trabalho de todos aqueles que estão na linha de frente nas escolas estaduais.

O trabalho na orientação pedagógica despertou-me para questões que vão além do pedagógico, nesse espaço pude aprender mais sobre como fazer educação e de quão essencial seria se as escolas tivessem realmente condições físicas e pedagógicas para atender a todos que nelas adentram. Essa vasta experiência mesmo sendo cansativa permitiu-me repensar minha teoria e prática, lutar por mais igualdade de direitos e certamente por uma educação igualitária e de qualidade, aqui não se fala de brasileiros ou imigrantes, mas de pessoas que possuem direitos e que necessitam de uma formação adequada e útil para a vida.

Com a chegada de novos estudantes advindos de outro país não há como

não refletir a respeito de como esses discentes estão sendo recebidos nas instituições de ensino e como nossas escolas estão fazendo para se adaptar a todas essas particularidades, já que sabemos que a educação por si só sempre necessitou de atenção especial.

Os olhares distantes, as mãos trêmulas, a inquietação, o medo e a insegurança eram características visíveis dos imigrantes venezuelanos ao adentrar a instituição de ensino alvo da pesquisa, o que fazia com que meu olhar perpassasse o que era ali se mostrava, não me contentava apenas em dar-lhes bom dia, boas vindas, queria ajudá-los para que a caminhada se tornasse mais leve e segura, o que para a maioria era a única forma de superar as dificuldades vivenciadas, naquele lugar estavam depositadas as únicas esperança de recomeçar.

À medida que escrevo percebo quão forte e necessário é esse debate, incluir para muitos é somente se fazer presente e adentrar em uma instituição de ensino, porém inclusão perpassa todos esses debates, requer cuidado, atenção, disponibilidade, reconhecimento e principalmente respeito. Não há como fazermos educação sem analisar todos esses fatores, sem levar em conta as experiências cotidianas dos discentes e mais uma vez volto a dizer, o ser humano é um conjunto, não deixo de ser eu para caber em um lugar, necessitamos estar ali por inteiro e não pela metade.

Assim, a inclusão em meu entendimento compreende esses e outros fatores que demandam de todos os envolvidos além dos conhecimentos teóricos, uma prática pautada no acolhimento, empatia, respeito ao outro, busca pela efetivação de direitos, valorização pessoal etc., constituindo-se como uma oportunidade igualitária de ser aceito e reconhecido independente do contexto em que se faça presente. Outrora saliento que toda escola, em suma, já deve ser inclusiva, uma vez que não temos como viver sem reconhecer o outro e suas particularidades e sem dar-lhes o direito de ser quem é.

Reconhecendo meu papel na sociedade e aprendendo diariamente com o outro sinto que posso contribuir para que mais pessoas possam ser ouvidas, notadas e valorizadas, pois todo e qualquer ser humano tem algo a aprender e a ensinar. E é nesse contexto que busco fazer da minha pesquisa uma fonte de conhecimentos que sirva de base para estudos posteriores, além de colaborar com a minha formação enquanto pessoa e profissional.

1.3 INTRODUÇÃO

Tratar sobre imigração é discutir uma temática extremamente contemporânea e que vem atingindo não somente o Brasil, mas todo o mundo, é facilmente concordar com a expressão de que “o mundo está em movimento”. Os chamados ciclos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade trazendo consigo inúmeras questões vivenciadas pelas pessoas que por diversas vezes saiam de suas terras em busca de alimentos e melhores condições de vida, acontecimentos que atualmente vem atingindo países como Colômbia, Argentina, Chile, Venezuela e também o Brasil, sem nos esquecermos o que a Ucrânia está vivenciando.

O fato de o Brasil possuir uma extensa área fronteiriça e de outras características surge a necessidade de se problematizar questões referentes a todo esse processo, já que com a chegada de povos imigrantes toda a esfera social enfrenta mudanças nas mais diversas áreas. Com isso, a presente pesquisa traz em seu arcabouço a teorização e a discussão da imigração e da educação, haja vista que a educação é uma das áreas que mais vem sofrendo impactos por conta desses deslocamentos, dinâmica que na maioria das vezes causa conflitos e insegurança àqueles que fazem parte desse universo.

Um reflexo dessa conjuntura de mobilidade social e do cenário repleto de diversidade cultural é o Estado de Roraima, onde muitas instituições públicas de ensino roraimense estão passando por dificuldades quando se trata da inclusão dos imigrantes venezuelanos no ambiente escolar. Esse é um fato que deve ser visto com cautela e responsabilidade por todos, já que o direito à educação no Brasil está expressamente assegurado na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, abarcando o direito à igualdade,

A educação, como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2015)

Dentro desse panorama, trago o referido estudo acerca do processo de inclusão dos imigrantes venezuelanos em uma escola pública de Roraima, já que a nossa educação está vivenciando um novo momento diante de todo esse

movimento. Essa realidade nos leva a pensar em como incluir essa demanda que traz consigo exigências educacionais diferentes sem nos direcionarmos a uma perspectiva de educação que não exclua, não diferencie, mas que busque compreender, entender e acolher o outro e seus aspectos culturais, como cita Paulo Freire (1979, p. 14) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”.

A imersão direcionada a uma perspectiva intercultural de educação vem ao passo em que se reconhece que esses imigrantes têm algo a oferecer e que todos, independente de nacionalidade, no instante em que se interacionam desenvolvem habilidades, conhecimentos e aprendem juntos, mesmo sendo únicos tornam-se plurais, “nas relações que o homem estabelece com o mundo, há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 1967, p.40).

Tal perspectiva educacional vem como um aporte para o acolhimento e inclusão desses e de todos que fazem parte do contexto educacional, destacando a precisão que temos em mudar nossas práticas direcionadas a esse público para que assim a inclusão aconteça de fato e de direito. Conforme nos lembra Paulo Freire (2011, p.10) “na medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis-ação e reflexão sobre a realidade, a inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade”, pois somente conhecendo a realidade dessa demanda é que será possível atender às suas necessidades.

Assim, a discussão da tríade proposta na minha dissertação: educação, imigração venezuelana e intercultural oportuniza compreender e conhecer as expressões da questão social e as complexidades existentes correlacionadas a esse debate, de maneira que a chegada de estudantes no ambiente educacional vá mais além que o ato de adentrar a escola e conhecer o vernáculo nacional, mas, sim, que seja igualitária, democrática respeitando as particularidades dessa clientela. Menezes (2008, p. 130) nos cita,

Ao chamarmos o outro para dentro da escola, mas uma vez que ele se encontre lá dentro, precisamos mostrar o quanto ele é especial e o quanto ele está ali porque isso lhe foi concedido. Atos e gestos mostram diariamente e constantemente quem é o aluno incluído, o quanto ele pode aprender, até onde ele evoluirá em sua aprendizagem.

Quando menciono as particularidades faço referência à sua cultura, aos costumes, às tradições, aos conhecimentos, às experiências e às vivências diárias, tudo o que esse estudante possui e traz consigo ao adentrar outro país. Nesse

aspecto, o trabalho em questão é de extraordinária relevância para mim enquanto profissional da área da educação, pois ao trabalhar com os estudantes venezuelanos e ao estudar tal temática pude conhecer outra parte do universo educacional até então desconhecido por minha pessoa. O olhar voltado ao estrangeiro em situação de vulnerabilidade social, em especial as crianças, jovens e adolescentes venezuelanos pertencentes ao quadro da Escola Estadual Olavo Brasil Filho me trouxe lições que perpassaram o âmbito escolar, trouxe a minha pessoa a reafirmação de que a educação é sim o caminho para a evolução do ser como um todo, a esperança de dias melhores, é literalmente contribuir para sermos “gentes”, “me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 1996, p.49).

Sob essa perspectiva, ressalta-se que a imigração acarretou inúmeros impactos para a sociedade roraimense, em destaque para o âmbito educacional, a experiência vivenciada na instituição em voga que me levou a problemática de pesquisa que trago aqui, qual seja: quais os desafios encontrados pela Escola Estadual Olavo Brasil Filho no que faz referência ao processo de inclusão dos estudantes venezuelanos, numa perspectiva intercultural de educação?

Para buscar respondê-la tracei os seguintes objetivos, Geral e Específicos, respectivamente:

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é analisar os desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho em Boa Vista-RR, numa perspectiva intercultural de educação.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Analisar como ocorre a inclusão dos alunos venezuelanos na Escola Estadual Olavo Brasil Filho em Boa Vista-Roraima e qual a contribuição da perspectiva intercultural nesse processo;
- ✓ Investigar quais os desafios surgidos na referida instituição a partir da imigração venezuelana;

- ✓ Conhecer as ações realizadas como projetos, acolhida, palestras etc., na instituição de ensino em prol dessa demanda e do seu desenvolvimento educacional;

Esses elementos (problema e objetivos) que orientaram a investigação aqui apresentada, convidando a todos (as) a visitar e a viajar nesse universo tão amplo que é a pesquisa.

CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REFLEXÃO ACERCA DA IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM UM CONTEXTO GERAL

Eles são um de nós. E amanhã podemos ser um deles.
(CARARO & SOUZA, 2020)

A reflexão sobre a imigração é de suma importância para a sociedade como um todo, haja vista que sempre tivemos contato com pessoas oriundas de outros países e por se tratar de uma questão que traz consigo problemas micro e macro às regiões que recebem essa camada populacional.

Adentrando designadamente no campo de discussões sobre imigração, entendo ser importante conhecer e entender as terminologias empregadas para nos referimos a essa demanda, que por diversas vezes são utilizadas de maneira incorreta gerando dúvidas e incoerência quanto ao seu real significado. Destaco a Lei de Migração de nº 13.445 de 24 de maio de 2017, em que Migração diz respeito aos movimentos das pessoas dentro de seu próprio país, sendo a imigração o ato de adentrar um Estado diferente ou até mesmo um outro país. O Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH, 2013) traz o conceito de migrante como “toda pessoa que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum, ou de seu local de nascimento para outro local, região ou país”.

II-Imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil; III- Brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior; IV- Residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho; V- Visitante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que vem ao Brasil para estadas de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporária ou definitivamente no território nacional; VI- Pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado Brasileiro. (LEI DE MIGRAÇÃO, 2017).

Menciona-se também o termo refugiado que de acordo com a ACNUR (2015) diz respeito as pessoas que fugiram da guerra ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional.

Após esse entendimento e para uma melhor apreensão, faz-se necessário relembra a nossa constituição identitária, já que somos fruto de relações entre pessoas das mais variadas etnias, contribuindo para que a identidade brasileira seja constituída pelos mais diversos elementos culturais, históricos e sociais, subsídios que observamos cotidianamente em vários de nossos aspectos culturais, gostos, costumes, tradições. Como afirma Fleuri (2003, p.23), “o Brasil se constitui historicamente como uma sociedade multiétnica tomando-se por base uma imensa diversidade de culturas”, essa constituição, em grande parte, advém de fatores como a sujeição, violência, exploração e dominação por parte daqueles que detinham poderio econômico e que perduram até hoje. Até hoje nos deparamos com situações degradantes e humilhantes por parte de quem possui o poder em suas mãos, porém o utiliza para fins de lucratividade própria e ofensa aos demais.

Cita-se como exemplo os negros e índios que durante muito tempo estiveram sob o domínio dos brancos que historicamente eram vistos como superiores, seja por conta de sua posição social ou econômica. Os negros escravizados, torturados e humilhados mantinham contato de submissão com os que os contratavam para os serviços nas lavouras de cana-de-açúcar, para o desempenho de serviços domésticos na casa grande, cuidados com os filhos dos senhores e até mesmo para a exploração sexual, vivenciavam tudo isso em busca da sobrevivência. Paulo Freire na obra Educação como Prática da Liberdade (1967, p. 66) exemplifica muito bem a realidade em que o Brasil surgiu,

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória à base da exploração econômica do grande domínio em que o “poder do senhor” se alongava das terras às gentes também” e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro.

Logo, os indígenas que foram os primeiros a residirem nas terras brasileiras serviram como guias para os portugueses tornando-se presas fáceis para a exploração, haja vista que os colonizadores não os viam como seres detentores de cultura e saberes, mas, como objetos que serviriam para o alcance de seus objetivos. Dessa forma, a cultura não era enxergada, simplesmente ignorava-se o ser humano em prol da obtenção de riquezas.

A nossa colonização foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram – e dificilmente poderiam ter tido – intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra. (FREIRE, 1967, p. 67)

Os resultados provenientes desses contextos relacionais não se restringem simplesmente ao âmbito econômico, mas também ao cultural, social, político e educacional, além de influenciarem na maneira que os indivíduos internalizaram para tratar o outro, características vistas até os dias atuais, pois diariamente passamos por situações em que somos inferiorizados por aqueles que defendem as sociedades patriarcais, injustas, capitalistas e sobretudo desumanas.

Rememorando mais um pouco de nossa história, no processo de colonização brasileira, nosso país durante o século XIX era visto como sendo um lugar com grandes oportunidades econômicas atraindo portugueses, italianos, suíços e japoneses com a finalidade de trabalhar e mudar de vida através da compra e do plantio em solo brasileiro, sendo que essa mobilidade humana estava bastante associada ao ambiente rural. A exemplo, temos o ano de 1530 marcado pela chegada dos colonos portugueses considerada a imigração mais expressiva dentre as demais, o que nos leva a refletir sobre a mistura das raças e principalmente na diversidade cultural surgida a partir de então.

Essa ação portuguesa tinha como finalidade iniciar o plantio de café e cana-de-açúcar, já outros imigrantes espalhavam-se por diferentes capitais brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, locais onde desenvolviam atividades relacionadas à agricultura, à agropecuária, às lavouras de café etc., como bem destaca Paiva (2013, p. 31)

Do ponto vista econômico e a partir da realidade de São Paulo, a imigração no século XIX - e mesmo durante as primeiras décadas do século XX - esteve relacionada ao avanço da economia cafeeira e à manutenção de um padrão de acumulação capitalista baseado ainda nos moldes da economia colonial.

Como bem expressado, a imigração sempre esteve ligada de um lado à questão econômica e de outro à necessidade de sobrevivência. Vale destacar que no final do século XIX e início do século XX o Brasil recebia um grande quantitativo de imigrantes objetivando a substituição da mão de obra escrava, passando a serem utilizados como uma ferramenta de trabalho e evidentemente obtenção de lucro por parte daqueles que detinham o poder à época.

Ainda nesse contexto, Hall (2004) menciona que dos 4,8 milhões de pessoas que vieram para o Brasil entre 1820 e 1949, mais da metade adentrou pelo estado de São Paulo e foi levada principalmente para as fazendas de café paulistas e para os núcleos de colonização no Sul e Sudeste do País, números que faziam com que a mesma, à época, fosse considerada uma das maiores cidades de imigração mundial, confirmando a relação brasileira com outras nacionalidades e a cooperação desses povos no desenvolvimento de nossas capitais. Relembrando que as contribuições desses imigrantes podem ser observadas até os dias atuais, seja na história, literatura, gastronomia, hábitos sociais, culturais dentre outros aspectos.

Os deslocamentos fora do país de origem têm sido colocados no campo da mobilidade humana, intensificados na agenda dos séculos XX e XXI e encarados como processos migratórios que, embora marcando a história da humanidade desde a mais remota antiguidade, na contemporaneidade caracterizam configurações e relações deles resultantes. (MAZZA, DÉBORA; NORÕES KÁTIA, 2016, p.120)

Conforme Shephard (2012), outro elemento que contribuiu para a imigração para o Brasil foi a realidade vivida no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), já que o deslocamento forçado praticado pelos nazistas cooperou para que muitas pessoas fossem obrigadas a viver nos campos de concentração e sem nenhuma remuneração. Ao passo que elas eram libertas, não tendo condições de retornarem à região de origem eram encaminhadas como imigrantes para outros países, tendo o Brasil como um desses destinos.

Como já expressado, o fenômeno da migração está intrinsecamente ligado à questão econômica, já que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito” (SAYAD, 1998, p.54).

Vários foram os momentos em que a imigração esteve presente obtendo até mesmo classificação por alguns autores.

No Brasil, as migrações internacionais podem ser classificadas em cinco períodos (BASSANEZI, 1996; LEVY, 1974): período mercantil (o país foi colonizado por portugueses e recebeu um enorme fluxo de escravos africanos); período industrial (grande número de imigrantes europeus e japoneses); migração limitada (certa estagnação nas imigrações no Brasil); período pós-guerra (chegada de refugiados europeus); e pós-industrial, o qual foi iniciado em 1980 segue trazendo até os dias de hoje novos fluxos imigrantes para o Brasil (CALEGARI, 2012, p. 2).

Mais uma vez, compreendemos que o fluxo de imigrantes para o Brasil veio em consonância com a formação da sociedade brasileira contribuindo com a constituição da nossa identidade, pois esta tem como uma de suas características marcantes a miscigenação, resultado do processo de reprodução das diferentes etnias existentes em nosso país.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados da Polícia Federal indicam que há presença de imigrantes e/ou refugiados em 3.876 dos 5.568 municípios brasileiros e entre 2010 e 2018 foram registrados mais de 446 mil migrantes no país, além de 116,4 mil pedidos de refúgio, tornando o Brasil um dos países da América Latina escolhido pelos imigrantes como nova morada.

Dados informados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, informam que 65,3 milhões de pessoas em todo o mundo deixaram suas casas no ano de 2015 (ACNUR, 2015). Em 2019, ainda de acordo com ACNUR, o número de refugiados e migrantes venezuelanos no mundo já contabilizava 4,5 milhões, número que já sofreu alteração com o passar dos anos.

A partir dessa compreensão e do entendimento de que o homem sempre esteve em movimento, menciona-se alguns motivos que cooperam para que essa demanda populacional deixe seu lugar de origem e muitas vezes saiam sem destino em busca de uma nova moradia, a exemplo disso, temos as crises econômicas, superinflação, escassez de alimentos, questões políticas, religiosas, a procura por melhores condições de vida, desemprego, desastres naturais, guerras, dentre outros motivos, as chamadas “migrações forçadas”, em que o indivíduo se vê obrigado a deixar o seu país indo de encontro a sua vontade, destacando ainda que a saída de pessoas por vontade própria também adentra a questão migratória.

Por mais que essa questão seja conhecida e faça parte de nossa história, precisamos lembrar que as particularidades, nomenclaturas, classificações e as diversas motivações para tais saídas sofrem mudanças com o passar do tempo e a depender do contexto histórico havendo assim, a necessidade de entendimento, compreensão e estudo por parte de todos os envolvidos direta e/ou indiretamente nesse processo. Destacando Aveline (2012 apud Rocha e Padilha 2016, p.8):

O fenômeno da migração não é novo, muito ao contrário, é recorrente e contínuo, caminhando a passos largos em ritmo acelerado, como parte de um processo de globalização que se tornou possível graças à evolução tecnológica da comunicação e dos meios de transporte. Em 1990, a população de migrantes do mundo já era mais de 80 milhões de pessoas,

das quais 20 milhões eram refugiados.

Cecchetti e Pozzer (2014, p. 11) se referem também à globalização como parte desse processo.

Nas últimas décadas do século XX o fenômeno da globalização também vem ameaçando com intensidade a rica diversidade cultural, na medida em que exerce grande influência não só financeira em âmbito mundial, mas porque, junto a isso, difunde valores, idiomas, tecnologias, ciências, hábitos e formas massificadas de produção/consumo, principalmente por meio da indústria cultural. Com isso cada vez mais se produzem rupturas das fronteiras territoriais e culturais, possibilitando que sujeitos/grupos vivenciem um intenso “processo de hibridações, desterritorializações, descentramentos e reorganizações culturais”.

Adentrando na questão específica a que a pesquisa se referencia, é de suma necessidade salientarmos a crise econômica, política e social vivenciada pela República Bolivariana da Venezuela, fator que tem contribuído expressivamente para o aumento da imigração em direção aos países vizinhos como a Colômbia, Argentina, Chile e o Brasil.

Nesse sentido, de maneira clara e objetiva, trago a informação de que anteriormente, esse fluxo migratório venezuelano era tido como pouco expressivo se comparado a outras imigrações, o que foi modificado desde o final do governo de Hugo Chávez adentrando o atual governo de Nicolás Maduro, instante em que inúmeros problemas tomaram proporções gigantescas obrigando as pessoas a se deslocarem em busca de sobrevivência, uma “garantia” arriscada e ao mesmo tempo duvidosa. “Essas pessoas não escolheram sair de suas casas, “não se trata de uma aventura, mas da busca pela sobrevivência – quando muito, sonham com uma vida melhor” (CARARO, 2020).

A questão petrolífera e a exploração de minérios sempre cooperaram para a economia venezuelana, servindo até mesmo de base para financiar o Estado na década de 1973 quando ocorreu uma das Crises do Petróleo aumentando consideravelmente o preço do barril do petróleo. Desde a liderança de Carlos Andrés Pérez até os dias atuais, a instabilidade política e econômica do referido país se agrava e propicia a saída de pessoas das mais diversas regiões, o que para grande parte desses imigrantes é a oportunidade que possuem de ascender economicamente e socialmente.

Sem aprofundar-me nas questões políticas da Venezuela, submerjo à realidade roraimense destacando o ano de 2015 como o auge da crise migratória devido ao êxodo massivo em direção ao estado de Roraima, já que anteriormente as relações fronteiriças voltavam-se mais ao âmbito da economia (compras), lazer e turismo, o que foi mudado devido a toda o colapso vivenciado. Evidenciando que o adentrar no país vizinho, antes de 2015, acontecia mais por parte dos brasileiros do que pelos venezuelanos em direção ao Brasil.

Abaixo trago o mapa da divisa de Roraima com os países da Venezuela e Guiana para um melhor entendimento a respeito da localização e da entrada desses imigrantes venezuelanos no estado.



Fonte: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Roraima/4835281>

Todo esse cenário repleto de mazelas cooperou para a ocorrência de um fluxo migratório forçado por parte dos venezuelanos em direção a países vizinhos, que no caso do Brasil se deu pelo estado de Roraima. Ao chegarem à capital Boa Vista, distante apenas 230 km da Venezuela, os estrangeiros trouxeram consigo além de suas bagagens materiais, desejos de encontrar novas oportunidades e principalmente o reconhecimento de seus direitos e deveres enquanto seres

1 Encyclopædia Britannica, Inc. - Britannica Escola – CAPES

humanos, esperando da sociedade roraimense a capacidade de observá-los como sujeitos com conhecimentos, histórias e cultura, sem estigmas ou pré-conceitos.

Abrangendo pessoas das mais diversas faixas etárias e classes socioeconômicas, o sair de seu local de origem acontece por vezes em grupos, outros sozinhos, percorrendo caminhos desconhecidos e sombrios, onde os sonhos, as lutas e as lembranças seguirão internalizadas e em muitos casos desfalecidas.

Importante frisar que a grande maioria desses que hoje adentram o Estado de Roraima possuíam emprego e residência fixa nos lugares em que moravam e como não tiveram condições de manter seu padrão de vida e muito menos garantir o sustento da família viram que a única opção seria sair do seu país para tentar a “sorte” em outro lugar. Os valores dos gêneros alimentícios, a exemplo, aumentaram expressivamente de maneira que somente quem detêm um salário compensador pode ter acesso, além do esgotamento no sistema de saúde e nos mais diversos segmentos que permeiam os direitos sociais.

Em razão do grande número de imigrantes que chegam diariamente no estado percebe-se na população roraimense uma preocupação diante da crise social e humanitária que vem acometendo o país vizinho, já que ao chegar aqui essas pessoas tentam na sorte e sem escolha, encontrar um lugar para que possam adaptar-se mesmo que momentaneamente, almejando continuar sua trajetória de vida. Essa mudança brusca veio permeada de complexidades, não representando apenas o fluxo de pessoas de um lado para o outro, de simples viajantes, mas de seres que possuíam toda uma estrutura de vida e que de uma hora para outra foi ceifada.

Advindo da desigualdade, esse processo requer atenção em todas as esferas e como parte desse diálogo penso ser valioso tratar da educação como fator primordial para o acolhimento dessas pessoas, a fim de que não sejam ainda mais excluídos, subordinados e vítimas de um sistema inoperante e desigual. Como contribui Veiga Neto (2008, pg. 16),

No caso da inclusão - independentemente dos seus aspectos éticos e humanitários e daquilo que muitos vêm enunciando sobre ela e sobre políticas que pretendem promovê-la, é preciso compreendê-la no enquadramento mais amplo dos novos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos correntes no mundo contemporâneo. Isso significa assumir radicalmente a interdependência dos fenômenos sociais.

Dentro de toda essa conjuntura, destaco a educação que há décadas vem sofrendo com as interferências externas, já que desde muito tempo não esteve ao alcance de todos, nem todas as camadas sociais (e pessoas dentro dela, como por exemplo as mulheres) possuíam o direito e acesso a mesma, estudar era para poucos, para quem detinha recursos e influência. Uma pequena minoria desfrutava do que deveria ser acessível a todo cidadão.

Nesse contexto, uma educação com base emancipatória nunca foi o objetivo dos que possuíam os meios de produção, dos que pertenciam às classes mais favorecidas, mas sim, utilizavam-na como um meio de replicar o modelo de sociedade da classe dominante, reprodutora da exclusão e subordinação.

Assim, nada melhor do que debatermos sobre educação e imigração, já que nosso estado está vivenciando esse momento plural no que se refere a diversidade cultural dentro das escolas. Nesse sentido, Woodward (2000, p. 22) aponta a migração como uma questão social que contribui para a existência de uma pluralidade identitária, “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”. Heterogeneidades que são notórias quando nos deparamos com os imigrantes venezuelanos que adentram o sistema de ensino público roraimense, que além de tentar manter sua identidade mesmo diante de tantos percalços, ainda trazem consigo as marcas das disparidades vividas desde a saída de “casa”.

Portanto, é de suma importância elencar o espaço escolar e a sala de aula como locais em que os discentes interagem, recebendo e transferindo aspectos culturais, nos instigando a trazer ao debate a interculturalidade como um ponto de partida contra toda e qualquer forma de manifestações opostas a igualdade e ao respeito à cultura do outro. Conforme afirma Freire (2004, p.75), ao destacar as relações entre culturas, o fundamental

[...] não é compreender só a cultura de lá, nem só a cultura de que eu faço parte, mas é sobretudo compreender a relação entre essas duas culturas. O problema é de relação: a verdade não está nem na cultura de lá e nem na minha, a verdade do ponto de vista da minha compreensão dela, está na relação entre as duas (FREIRE, 2004, p.75).

Nesta perspectiva, “respeitar a cultura do outro não significa manter o outro na ignorância sem necessidade, mas fazê-lo superar sua ignorância não significa ultrapassar os sistemas de interesses sociais e econômicos da sua cultura”

(FREIRE, 2004, p. 84). Sabendo disso, a escola deve estimular a integração e o respeito a partir do contato e convívio diário, fortalecendo dessa forma a relação entre os mais diversos grupos sociais.

2.2 EDUCAÇÃO E INTERCULTURA: O PROCESSO DE INCLUSÃO DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.
(FREIRE, 1989)

Discutir a educação como fator de inclusão dos estudantes venezuelanos no sistema de ensino roraimense requer contextualizar o espaço em que esses adentram, necessita refletirmos sobre algumas das situações sofridas por eles, traçar caminhos, analisar comportamentos, discutir relações, destacar aspectos culturais pensando sempre nas formas de acolhimento como instrumentos que possibilitam tais compreensões.

A educação é um dos elementos culturais presente em todos os povos de diferentes nações e em diferentes épocas. E como tal, é parte do processo de humanização e da constante busca pela construção de sentido, além de ser responsável pela transmissão de saberes de um determinado grupo social às gerações seguintes, bem como, pela (re)elaboração do conhecimento para a transformação da realidade. (CECCHETI, POZZE, 2014, p.42)

Diante de todo o cenário repleto de diversidades a reflexão e a adoção de uma educação com base em uma perspectiva intercultural é uma necessidade, já que a sociedade historicamente traz em seu bojo a diversidade cultural como um fator preponderante. Sobre cultura é imperativo apresentar algumas definições a respeito de tal nomenclatura para que assim possamos ter entendimento sobre as relações entre os aspectos culturais e a educação. Machado (2002, p.25) menciona que:

De um modo geral, “cultura” é entendida como a maneira de um grupo social compreender a vida. Cultura é tudo aquilo que um determinado grupo social “cultua”, isto é, inclui seus valores e suas tradições. Cada grupo social detém uma determinada cultura, com diferentes características, entretanto, essa questão também diz respeito à cultura dominante dentro de um grupo definido. (MACHADO, 2002, p.25)

Já Paulo Freire (1980c, p.38) vai mais além quando se refere a cultura, definindo-a como “todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador de (homens e mulheres), de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros (seres humanos)”, destacando a importância do diálogo nesse processo criativo.

A partir de tais colocações e entendendo que a escola é um locus em que as diferentes culturas se encontram e se inter-relacionam e que sempre foi vista como espaço formador, aborda-se aqui a relação entre educação e cultura, aspectos que continuamente se mantiveram presentes na história formativa do homem, ora estimulando os debates, ora favorecendo a existência de disparidades entre as classes.

Moreira e Candau (2003, p. 160) salienta a questão das diversidades culturais existentes nas diferentes sociedades salientando o papel da escola nessa questão, “a escola é, sem dúvida, uma instituição cultural”, de tal modo que,

A problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, em que a referência cultural não esteja presente. (MOREIRA e CANDAU, 2003, p.159)

Assim, o indivíduo como membro desse processo de reconhecimento e reflexão passa a apreender o seu papel, não sendo mero receptor de informações, mas disseminando o que para ele é importante e imprescindível para sua inclusão.

O indivíduo se constitui como tal, não somente devido aos processos de maturação orgânica, mas principalmente através de suas interações sociais a partir de trocas estabelecidas com seus semelhantes. As funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, à apropriação por intermédio da linguagem do legado cultural de seu grupo. (REGO, 2007, p.109)

Em consequência dessa inter-relação e das novas configurações vivenciadas no âmbito escolar, trazemos a exposição a interculturalidade, pois como defini Fleuri (2003, p. 17) “tal perspectiva configura uma proposta de ‘educação para a alteridade’, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla[...]”. A noção de interculturalidade para Fleuri (2003, p. 21) é que “além de expressar a coesão étnica de um grupo social, proporcionando condições para o fortalecimento da identidade cultural, vai também estimular a

aquisição cultural dos povos”, isto é, todos passarão por um processo de troca, em que os aspectos culturais de cada grupo não serão rejeitados, mas sim preservados e valorizados.

Nesse aspecto, ao reconhecer e respeitar o outro em toda a sua completude, a intercultura vem como uma aposta para que a convivência com o “diferente” não seja motivo para a existência de conflitos, mas, para o estabelecimento de relações éticas e dinâmicas, para que o respeito e a igualdade de tratamento lhes sejam repassadas. Adotar esse tipo de postura certamente ajudará na construção de meios contra o preconceito, a xenofobia, a intolerância e os mais diversos tipos de manifestações excludentes.

Ao pensar na esfera educacional, e em especial nas escolas, refletimos sobre as várias disparidades existentes que por vezes influenciam o desempenho de toda a classe discente, em destaque àqueles que se encontram a margem da sociedade e não podem usufruir desse direito por completo, como os estudantes venezuelanos que ao adentrar o espaço escolar esperam encontrar um ambiente acolhedor, respeitoso, em que seus direitos sejam reconhecidos e conseqüentemente garantidos.

A escola como espaço sociocultural, constituída diariamente por interações, alianças, conflitos, negociações e transgressões, é desafiada a desenvolver uma reflexão crítica sobre a diversidade cultural presente em seu cotidiano e em todo contexto social que a evolve. (CECCHETTI, POZZER, 2014, p.11)

Ambos ainda instigam que:

Ao acolher todas as crianças e jovens de uma geração com a responsabilidades de formar cidadãos para o futuro da nação, a escola, certamente, acolhe a esperança de um mundo melhor e torna-se uma instituição importantes e indispensável na luta por uma sociedade mais equânime, com menos sofrimento e menos riscos ecológicos. (SANTIAGO apud CECCHETTI, POZZER, 2014, p.73)

Um modelo claro da diversidade cultural e de suas particularidades vivenciadas no âmbito educacional roraimense é a presença dessa clientela na instituição estadual de ensino Olavo Brasil Filho, fato que vem suscitar de todos que ali exercem suas funções, mudanças como o rompimento com práticas pedagógicas que até os dias atuais são padronizadas, seletivas e desconexas com a realidade atendida, além de não contemplar a pluralidade cultural que hoje se faz presente, afirmando sobre isto que a “educação trava uma relação dialética com a cultura.

Desta forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE,1963, p.11)

Para tanto, toda essa conjuntura multifacetada requer da escola um posicionamento em que o “novo” seja acolhido passando a fazer parte do cotidiano escolar, não somente como mero receptor de informações, mas também como um sujeito de saberes expressivos. Paulo Freire (1979, p. 39) nos lembra que “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. Sendo assim, o estar no mundo é mais do que se fazer presente, é estar disposto a conhecer o outro em toda a sua amplitude.

Oliveira (2015, p. 70) destaca a educação intercultural como um processo democrático em que as diferenças colaborarão para a ocorrência de uma aprendizagem significativa, “A Educação Intercultural apresenta-se como democrática, crítica e dialógica pautada em uma aprendizagem significativa e contextualizada no cenário social e cultural em que está inserida”, sendo válido recorrermos a uma perspectiva intercultural que preze por esses valores para que em nossas escolas não haja diferenciação humana entre os que se fazem presentes.

Todas as implicações decorrentes do cruzamento e da interação entre culturas, corrobora para uma educação intercultural, entendida como:

[...] processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente *formativo*, ou seja, estruturante de movimentos de *identificação* subjetivos e socioculturais. (FLEURI, 2003, p. 31)

Essas relações interculturais engrandecem o sujeito a ponto de este sentir segurança para manter sua identidade mesmo havendo influências externas, é o que cita Fleuri (2008, p. 141) “produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade”. Eis aqui o desafio:

O desafio consiste em desenvolver relações e exercícios pedagógicos que ultrapassem os limites e fronteiras culturais estabelecidas, percebendo o Outro em sua alteridade e fomentando diálogos capazes de romper preconceitos cristalizados e práticas estigmatizadoras. (CECCHETTI, POZZER, 2014, p.11)

Freire (1979) aponta que mesmo com tantos desafios o homem precisa se desenvolver criticamente para que assim transforme a sua realidade.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (FREIRE, 1979, p.33)

E em se tratando de consciência crítica, a educação e principalmente a inclusão de imigrantes dentro de uma proposta intercultural não se faz simplesmente conhecendo a cultura do outro, mas ampliando os laços entre os grupos, reconhecendo e valorizando-os de maneira que cada um dos que ali estiverem saibam do seu potencial e perfilhem que as culturas estão em constante diálogo.

A cultura é o conteúdo substancial da educação: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas é pela e na educação que a cultura se transmite e se perpetua: a educação realiza a cultura como memória viva e continuidade necessária à humanidade. (FORQUIN, 1993, P. 14)

Como externado acima, a cultura está intrinsecamente ligada à educação como um todo, ou seja, ela faz parte de todas as inter-relações existentes nas escolas. Não podemos e não temos como trabalhar com a educação sem inserir em nossas metodologias e estratégias de ensino a diversidade cultural como fator integrante da sociedade, devendo constar em nossos currículos.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

3.1 TRAJETOS DA PESQUISA

Ser pesquisador no Brasil é um ato de resistência.
(COSTA, 2021)

Antes mesmo de explicar sobre os procedimentos metodológicos adotados, temos a obrigatoriedade de referenciar como a pesquisa e o ato de pesquisar é de extrema relevância para todo o caminhar daquele que se interessa por tais práticas. Sabemos que pesquisar atualmente no Brasil é ir de encontro a inúmeros fatores opostos ao desenvolvimento do país como um todo. Assim sendo, pesquisar é nos dar o direito de aplicar a teoria em benefício de muitos, é realmente buscar caminhos para que a educação esteja de fato presente na vida, no cotidiano e na memória das pessoas.

Iniciar o trajeto metodológico da pesquisa é dar voz aos desejos mais íntimos do referido estudo, é construir diariamente o conhecimento, traçar o caminho a ser percorrido para que se alcance o que se pretende, é o instante em que o pesquisador luta contra todas as formas de opressão e de resistência que tentam impedir seu progresso, é tentar contribuir com a ciência e com a educação como um todo. Incentivar a pesquisa científica é fundamental para a construção do conhecimento de todo e qualquer cidadão. O ato de pesquisar segundo Minayo (2016) é,

[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. (MINAYO, 2016, p. 16).

Conforme já mencionado, o objetivo da pesquisa é analisar os desafios encontrados durante o processo de inclusão dos estudantes venezuelanos na Escola Estadual Olavo Brasil Filho numa perspectiva intercultural de educação, sendo essa o ambiente real em que se buscou as informações necessárias para a completude da ação. Por se tratar de um estudo de caso, que de acordo com Severino (2013, p. 105) “a pesquisa se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta de dados e sua análise se dão da mesma

forma que nas pesquisas de campo em geral”, as etapas se organizaram da seguinte maneira: levantamento do problema; estudo acerca da temática e o seu contexto; captação de subsídios teóricos para sua fundamentação; elaboração do instrumento para a coleta de dados ou informações necessárias; entrega do instrumental, análise do que fora colhido e, por último, a conclusão a respeito de todo esse processo.

Com o levantamento do problema, o percurso direcionou-se primeiramente para uma investigação a respeito do tema outrora citado e, para que isso fosse possível, fez-se necessário buscar elementos na teoria que contribuíssem para a discussão e direcionamento do estudo, bem como da escrita.

Conforme Rovigati (2009, p. 81), esse momento da pesquisa, quando se busca referenciais bibliográficos, serve como “o fundamento que ampara todo o plano de investigação, pois é através desse referencial que o investigador se atualiza sobre o assunto indicado e aumenta seus conhecimentos teórico e intelectual”.

Nesse sentido, a teoria contribuiu de maneira eficaz para a compreensão inicial da temática subsidiando as proposições, servindo de sustentação para a execução das etapas posteriores e por ser uma temática atual em nosso estado, os referenciais nem sempre são de fácil acesso. Sob este ângulo de análise acerca da imigração venezuelana, priorizou-se a educação e interculturalidade, já que esses pontos constituem tal estudo. Essa etapa foi consolidada por meio de aportes teóricos como livros, artigos, teses, dispositivos legais, dentre outros que aproximaram a pesquisadora à temática proposta.

Buscou-se em autores como Fleuri, Candau, Aranha e principalmente Paulo Freire, dentre outros, o embasamento necessário para o seguimento de todas as etapas deste trabalho. Recorrendo a uma abordagem qualitativa para uma melhor apreensão a respeito do tema e tendo como foco o processo de inclusão dos estudantes venezuelanos numa perspectiva intercultural, enfatiza-se conforme Gaskell (2002, p. 65) a abordagem qualitativa “fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”.

Ainda sobre essa abordagem, Gerhardt (2009, p.31) afirma que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”,

ponto que é apresentado na referida dissertação em que o foco é analisar um determinado fenômeno atual e as suas especificidades, sem a devida necessidade de contabilização ou tabulação de dados e informações numéricas.

Corroborando com esse mesmo pensamento, Minayo (2016, p.20) ressalta a importância da abordagem qualitativa e do seu campo de atuação, trazendo ainda ao contexto a aplicabilidade desse enfoque na evolução do homem enquanto pesquisador. Para a autora,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2016, p. 20).

Tendo compreendido a importância da pesquisa qualitativa muito bem explicitada por Minayo, demos continuidade às demais fases, ressaltando que seguir com a etapa posterior do processo foi extremamente desafiador já que estávamos vivenciando um momento de incertezas quanto a tudo o que permeava a vida, lutávamos contra a COVID-19. Não pelejamos apenas contra sermos infectados com tal vírus, mas contra as sequelas, as dores da incerteza e das perdas de pessoas próximas e principalmente diante da vontade de desistir no meio do caminho, haja vista que os dias passavam, mudavam, e o cenário mundial se agravava e gerava novas dúvidas, incertezas e medos em nosso viver.

Reorganizar cronogramas, mudar a trajetória de pesquisa, isolar-se para tentar seguir em frente foram decisões que precisaram ser tomadas. Conseqüentemente, a obrigação do isolamento em favor da vida, fez com que as aulas da rede estadual de ensino fossem interrompidas e posteriormente ministradas de maneira virtual, fator que me obrigou, mais uma vez, alterar meus planos e assim refletir em como pesquisar minha temática de estudo e alcançar o objetivo proposto na minha pesquisa.

Após a fase de levantamento teórico direcionamos nosso trabalho para a elaboração do instrumento a ser utilizado na coleta de dados, destacando que este passou por alterações, uma vez que devido à pandemia o contato com o público colaborador da pesquisa não tinha como acontecer. Optamos então pelo questionário, pois em comum acordo com os colaboradores seria mais viável para

ambas as partes devido à realidade social enfrentada. O uso do questionário nas pesquisas em educação, citando Gil (1999, p. 128), pode ser definido,

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

A entrega do questionário às profissionais do setor de orientação educacional foi o primeiro contato presencial entre pesquisadora e colaboradores da pesquisa, tudo isso devido ao período de pandemia vivenciado.

A população participante da pesquisa passou por modificações, passando a ser² composta por 02 profissionais que fazem parte da equipe da Escola Estadual Olavo Brasil Filho, natureza definida por 02 orientadoras educacionais que atendem nos turnos matutino e vespertino. Essas colaboradoras foram escolhidas devido ao fato de estarem diretamente em contato com os alunos da escola em questão, e em especial com os estudantes venezuelanos que são de extrema importância no contexto estudado e produtivo da referida pesquisa. Além do fato de que são essas professoras orientadoras que mantêm o vínculo direto tanto com esses discentes quanto com suas famílias, dialogando com os professores sobre qualquer circunstância que envolva essa clientela.

Devido à pandemia vivenciada por todo o mundo, observando e respeitando as determinações da Organização Mundial de Saúde (OMS) quanto aos cuidados relacionados à COVID-19 tudo teve que ser alterado buscando sempre preservar a vida de todos os envolvidos nesse processo. Com isso, o acesso à instituição de ensino não aconteceu como planejado anteriormente, em etapas pré-definidas, mas sim quando obtivemos o aval do Comitê de Ética e quando nos sentimos mais confortáveis para nos direcionarmos ao campo de pesquisa.

Esse contato por muitas vezes aconteceu de maneira rápida e em outras teve que ser adiado, pois as profissionais colaboradoras estavam voltadas para o retorno ao ensino presencial, buscando ajudar os professores quanto às problemáticas advindas com as aulas on-line, organização de notas do ano letivo anterior, dificuldades em relação a localização de estudantes, orientação aos pais e/ou

2 A ideia inicial era de 04 participantes no total sendo eles: 01 gestor escolar, 01 coordenadora pedagógica que atende os turnos matutino e vespertino e 02 orientadoras educacionais, sendo uma para cada turno. Fato que foi alterado devido a não disponibilidades dos demais participantes.

responsáveis por alunos não localizados e que não acompanharam as aulas que estavam sendo ministradas virtualmente, e também por conta da revitalização da escola que atrasou ainda mais esse retorno. Enfim, todos estavam sobrecarregados e tentando amenizar os percalços que surgiram com a pandemia.

Mesmo com todos esses problemas, o diálogo com a realidade pesquisada contribuiu para a realização dos procedimentos posteriores, instante em que os dados fornecidos pelas colaboradoras foram analisados e interpretados de modo que pudessem trazer respostas aos objetivos propostos, solidificando nossos objetivos.

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. (LUDKE, 2020, p. 53).

A fase posterior a coleta de dados compreendeu a ordenação dos dados obtidos, classificação deles quanto ao que se pretendia alcançar e a análise propriamente dita, buscando-se verificar/elencar de maneira minuciosa informações repassadas.

Procurou-se retomar os conceitos apresentados anteriormente na tentativa de argumentar os resultados encontrados. Inicialmente essa retomada aconteceu com a leitura e releitura de todo o embasamento teórico da produção em questão, o que foi relevante para a contextualização das informações alcançadas, destacando que esse processo me permitiu até mesmo desvelar mensagens implícitas em algumas respostas do questionário. Dessa forma, a ordenação dos dados se deu de maneira contextualizada com os objetivos propostos, a classificação foi direcionada de acordo com as colocações das colaboradoras da pesquisa e a análise compreendeu todo o conjunto das informações com a temática da dissertação em voga.

Com esse entendimento, relatei os dados coletados aos objetivos propostos para que assim obtivesse o entendimento necessário para construir sua escrita de maneira clara e utilitária. Lembrando que o tratamento dessas informações conduz o

pesquisador a um outro nível de compreensão da realidade estudada. Essa etapa pode ser concluída com a escrita da referida dissertação.

3.2. ESCOLA ESTADUAL OLAVO BRASIL FILHO: O LÓCUS MOTIVACIONAL PARA MINHA PESQUISA



Figura 02- Ano 2022



Figura 03- Ano 2022

A Escola Estadual Olavo Brasil Filho foi criada pelo Decreto-Lei nº 1207 de 15 de abril de 1996. Situada à Rua Linha Fina, número 310, Bairro Jôquei Clube, Zona Oeste da cidade de Boa Vista.

A instituição de ensino, lócus da pesquisa, funciona em dois turnos, matutino e vespertino, oferecendo à sociedade as modalidades do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio Regular (1º ao 3º ano). Conta atualmente, dados de 2022, com 784 alunos sendo considerada de médio porte, possui sala multifuncional, sala de informática, biblioteca, sala de leitura, quadra poliesportiva, coordenação pedagógica, orientação educacional, além das salas de aula e outros ambientes condizentes aos setores administrativos.

A clientela atendida compreende em sua grande maioria estudantes dos bairros adjacentes, como Cinturão Verde, Centenário, Jardim Olímpico, Asa Branca, bem como alunos advindos de bairros mais distantes como Senador Hélio Campos, Nova Cidade, Bairro Operário, Raiar do Sol, etc. Recebendo não somente brasileiros, mas também crianças e jovens de outras nacionalidades, a Escola Estadual Olavo Brasil Filho possuía no ano de 2018 somente 04 alunos imigrantes venezuelanos regularmente matriculados, em 2019 o número subiu para 58 estudantes, 2020 se elevou para 91, quantitativo que foi mantido no ano de 2021. Em 2022, até o presente momento a escola conta com 123 alunos matriculados. Esses discentes buscam através do ensino uma oportunidade para melhorar a sua condição de vida atual, demanda que cresce diariamente nas escolas públicas do Estado de Roraima.

Desde a sua criação, a escola desenvolve projetos pedagógicos de grande relevância social e pedagógica. Cita-se o Projeto Girassol que contempla os eixos: valorização humana, cultura, meio ambiente e cidadania, esporte, leituras e processos de escrita. No ano de 2014, a instituição de ensino destacou-se na premiação do Departamento de Desenvolvimento de Políticas Educacionais – DEPE/SEED/RR, sua colocação foi em 1º lugar na modalidade Projetos Pedagógicos referente ao Prêmio em Dignidade em Direitos Humanos e 1º lugar na modalidade do ensino fundamental no Prêmio Gestão Escolar (Prêmio Estadual de Qualidade e Liderança Educacional “Ottomar de Sousa Pinto”).

Em 2019, a escola Olavo Brasil Filho participou do Prêmio Innovare, que tem como objetivo identificar, divulgar e difundir práticas que contribuam para o aprimoramento da Justiça no Brasil, obtendo o prêmio de destaque com o Projeto Duas Culturas e uma Nação, ação que contempla tanto alunos brasileiros como imigrantes que adentram o espaço escolar.



Figura 04 - Ano 2019



Figura 05 - Ano 2019

Envolvendo toda a comunidade interna e externa, os projetos surgem em parceria com a Promotoria de Justiça com o Projeto Prêmio Roraima de Educação, Universidade Estadual de Roraima - UERR e Tribunal de Justiça do Estado de Roraima – TJRR com o projeto de extensão universitária Cultura de Paz e Não Violência na Escola, e com a ACNURR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) com o ensino da Língua Portuguesa para imigrantes, além de outras instituições que colaboram com ações votadas ao desenvolvimento dos discentes que ali frequentam.

Como evidencia Paulo Freire no poema “Escola é.. ”

O lugar onde se faz amigos
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
Gente que trabalha, que estuda,
Que se alegra, se conhece, se estima. [...]

Portanto, a escola é certamente um espaço privilegiado e com uma diversidade inigualável, lugar em que o pesquisador encontrará inúmeros subsídios teóricos e práticos para a discussão proposta. Além de mencionar que nesse local a intercultura vem para engrandecer tais propostas que já são executadas.

CAPÍTULO 4: DESVENDANDO INFORMAÇÕES

4.1. PRINCIPAIS DESAFIOS ENCONTRADOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES VENEZUELANOS EM UM CONTEXTO GERAL

Além de propiciar um tempo de interação entre pesquisador, local e sujeitos da pesquisa e o que se pretende com o trabalho em questão, este é um momento em que as informações trazem a discussão a verdadeira face da educação como um todo e os desafios por ela vivenciados, realçando as problemáticas, provocações e sonhos daqueles que estão cotidianamente buscando melhorias na área educacional.

Nesse momento, com os dados coletados em mãos e passando por todas as etapas salientadas na metodologia, iniciaremos o período de direcionar o olhar para a análise das respostas das colaboradoras, a fim de tentar organizá-las, realçando trechos e partes que se correlacionem com a temática e os objetivos da produção, como veremos no decorrer do Capítulo 4. As categorias de análise referentes aos principais desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos voltaram-se, a exemplo, ao domínio da Língua Portuguesa, entendimento acerca da Língua Espanhola, aceitação por parte dos demais colegas, relação família escola, dentre outras.

Fazendo menção a esse tópico, ambas as professoras orientadoras educacionais, turnos matutino e vespertino, citam o domínio da língua portuguesa por parte dos alunos venezuelanos como um fator preponderante que interfere no processo de inclusão desses discentes desde o momento em que adentram a escola, como bem ressaltam a profissional do turno matutino *“o maior dos desafios está relacionado ao domínio da nossa língua e isso dificulta bastante a adaptação e a interação com os colegas no ambiente escolar”*. A barreira em relação ao domínio da língua portuguesa é a mais visível logo que iniciam seus estudos.

Ademais, saber pelo menos o básico da língua portuguesa para os estudantes imigrantes é mais do que simplesmente possuir a capacidade de dialogar com o outro, é claramente um fator de libertação, é conseguir aproximar-se do outro mesmo possuindo diferenças. Aqui, o que se busca é aproximar-se tendo como foco as semelhanças para que as discrepâncias sejam superadas.

Esse estudante que chega à instituição de ensino encontra um currículo pronto que trabalha questões relacionadas à realidade brasileira e em alguns pontos à do estado de Roraima, o que para eles foge de seu domínio e contexto. Como exemplo, temos as disciplinas de Geografia, Literatura, História, as quais requerem além de leitura e compreensão textual, conhecimento do contexto local e/ou nacional o que nem sempre é alcançado por essa clientela devido à pouca ou nenhuma familiaridade com a Língua portuguesa, deixando-os, dessa forma, desconfortáveis e desmotivados. Conseqüentemente, o professor encontra problemas em transmitir as informações e o aluno em compreendê-las.

O falar se torna difícil, a aprendizagem acontece de forma gradual, a convivência com o outro necessita de cautela, tudo isso ocorrendo em um ambiente em que o aluno, sua aprendizagem e o seu bem-estar devem ser prioridade.

Com efeito, todo o caminhar da inclusão vai se construindo com o domínio da língua portuguesa. Nesse sentido, os estudantes venezuelanos passam a sentir-se mais seguros, confiantes e interagem com os demais colegas quando aprendem pelo menos o essencial da nossa língua materna, tudo passa por esse aprendizado, sendo crucial para o desenvolvimento do educando como um todo, rompendo todas as barreiras culturais existentes. Como constatam Peroza, Silva e Akkari (2013, p. 144), “A superação das ‘fronteiras culturais’ rumo a uma autêntica ‘interculturalidade’ na educação é um desafio que exige uma visão abrangente da comunidade escolar, bem como da totalidade da conjuntura social que esta faz parte”.

A prática do nosso idioma coopera para que o processo inclusivo se inicie e vá sendo construído em outras esferas, haja vista que esse discente passa a comunicar-se mais abertamente e de maneira compreensível com os demais, facilitando o diálogo e, em muitos casos, a aceitação por determinados grupos, o que é facilmente relacionável com o que destaca Júnior (2016, p. 112) “cada sociedade, cada cultura, cada grupo humano possui um repertório de imagens que estão associadas à condição humana, ao ser humano”. Nesse sentido, Freire (1975) apud Lima (1981) salienta que,

Os homens não podem ser verdadeiramente humanos sem a comunicação, pois são criaturas essencialmente comunicativas. Impedir a comunicação equivale a reduzir o homem a condição de “coisa” ...Somente através da comunicação é que a vida humana pode adquirir significado. (FREIRE, 1975, apud LIMA, 1981, p. 63)

O estudante venezuelano busca através dessa relação dialógica uma maneira de sentir-se mais à vontade para questionar, interagir e para manter sua identidade que certamente está sendo afetada devido aos fatores sociais vivenciados e à chegada a um país desconhecido. A vida humana como bem explicitado passa a ter mais sentido, e é nessa seara de informações que o discente imigrante tenta fazer valer sua estadia na escola em voga.

Desde a efetivação da sua matrícula escolar, os profissionais procuram por meio do diálogo saber das dificuldades desses alunos para que de alguma forma consigam acolhê-los sem qualquer reducionismo, tudo sendo voltado para uma inclusão compartilhada universalmente na instituição de ensino. A professora orientadora educacional do turno vespertino pontua o diálogo como fator de desenvolvimento para a questão da integração desses discentes, afirmando que *“conversamos com cada um deles para saber das dificuldades apresentadas no ambiente escolar. Desenvolvendo atividades de rodas de conversa com as turmas que apresentam dificuldade de aceitação e buscando orientação/ajuda psicológica para os que necessitam”*.

Segundo a colaboradora, tudo é direcionado a prática da comunicação, rompendo com a cultura do silêncio que muitas vezes ocorre nas escolas, instante em que muitos alunos são somente meros receptores de informações, não sendo seres ativos no processo de aprendizagem.

Essas rodas de conversa tiveram início a partir da ida de estudantes venezuelanos até a sala da orientação educacional. De acordo com a professora orientadora educacional do turno vespertino, essas conversas inicialmente aconteceram em dois momentos:

Nós tivemos dois momentos: primeiro quando os problemas relacionados a aceitação começaram a aparecer, instante em que estudantes venezuelanas relataram estar sofrendo preconceito, bullying e comentários ofensivos em sala de aula, isso sendo dispensado por colegas brasileiros. A partir de então, já no segundo momento, a profissional dirigiu-se até a sala de aula para dialogar com os estudantes sobre respeito, aceitação, valorização do outro etc. Foram realizadas também dinâmicas que contribuíram para que todos os estudantes pudessem contar um pouco da sua história e com isso observar que todos ali possuíam uma história de vida e é claro suas dificuldades.

Essa situação também é salientada pela orientadora do turno matutino quando ela destaca os desafios dos discentes venezuelanos afirmando que *“nos*

primeiros dias alguns alunos imigrantes venezuelanos reclamam de falta de empatia por parte de outros colegas com relação a sua nacionalidade". A partir do seu relato, mais uma vez confirmamos a necessidade e a valia do diálogo no ambiente escolar, como menciona Oliveira (2015, p. 77) "pelo diálogo há o encontro com a diferença, aprende-se e humaniza-se com a diferença também".

Nesse sentido, trazemos a citação de Freire (1979, p.28), a qual deixa claro o valor do diálogo e das relações interpessoais "o homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca", procura que é identificada nas ações realizadas na escola, lócus da pesquisa, em benefício dessa clientela. O pensamento de Silva (2013, p. 61) também contribui para pensarmos sobre a importância do diálogo no espaço escolar quando afirma que,

O contato entre as diferentes culturas possibilita a troca de costumes, hábitos, crenças, ritos e mitos, fazendo com que cada cultura não saia da relação da mesma forma que entrou. Por mais conflituosa que seja essa relação, a troca é inevitável e, é justamente pela possibilidade da troca que ocorre a transformação dessas culturas, e até mesmo, o surgimento de "novas".

Percebe-se então que a relação dialógica é de suma importância para que se alcance o desenvolvimento do aluno como um todo, não se restringindo apenas à sua relação no ambiente escolar. Logo, dinâmicas dessa natureza podem contribuir para que alunos brasileiros e venezuelanos se conheçam e iniciem o processo de interação, amadurecimento de ideias em relação ao outro e principalmente cooperem para que a inclusão desses novos discentes aconteça respeitando suas peculiaridades.

A "educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos", conforme nos lembra Paulo Freire (1979, p. 28). Com essa interação, o que antes era tido como diferente começa a se tornar natural e valioso para os alunos brasileiros, não existindo hierarquia de saber. Destaco que tais ações cooperam não somente para a aceitação e o respeito, mas também para que a língua portuguesa seja trabalhada de modo que os alunos venezuelanos iniciem o seu processo de adaptação e conhecimento dela, haja vista que toda troca de experiência acrescenta de alguma forma no ser humano.

São metodologias assim que enchem o estudante venezuelano, já que este passa a ser recheado de informações que o completarão interna e externamente.

Digo que a cada atividade realizada o imigrante tem a oportunidade de ser quem ele é, de mostrar o nível de conhecimento que possui, de demonstrar suas fragilidades e anseios, além, é claro, de potencializar o aspecto da convivência com os colegas brasileiros. Certamente há um preenchimento linguístico e social, tudo isso mediante a colaboração e experiências de aprendizagem que são compartilhadas.

Quando refletimos a respeito desses momentos, remetemo-nos à contribuição da perspectiva intercultural para a educação, pois esta suscita mudanças na estrutura global da escola, como o papel do professor frente ao trabalho com a diversidade dos estudantes. Mencionamos aqui que a escola executa projetos visando o desenvolvimento e a inclusão desses novos estudantes.

Nesse contexto, ações são realizadas com o objetivo de incluir, efetivamente, esses discentes como parte do cotidiano da Escola Estadual Olavo Brasil Filho como nos informa a professora orientadora educacional do turno matutino e sequencialmente a do turno vespertino. Conforme as orientadoras: *“temos também professores que desenvolvem projetos de acolhimento a todos eles (imigrantes venezuelanos); “a escola desenvolve projetos voltados a cultura venezuelana, assim tanto eles como nós (brasileiros) trocamos experiências com relação a cultura de ambos os países”*. A partir disso, compreendemos que não basta apenas ter o desejo de contribuir com essa demanda, mas efetivamente agir em prol deles, por isso destacamos a valia da perspectiva intercultural nesse caminhar.

Segundo Santiago, Akkari e Marques (2013, p.43), a perspectiva intercultural em educação configura,

Um novo posicionamento do professor em relação aos saberes e à diversidade dos estudantes, o que, de certa forma, exige também novos posicionamentos políticos e reconfiguração das relações de poder no espaço escolar. Esse processo se traduz com rupturas de barreiras, discriminações e preconceitos endereçados aos estudantes de grupos historicamente marginalizados em nossa sociedade.

Os autores nos deixam a mensagem de que temos que reconhecer a escola como um lócus cultural, em que a diferença é uma das várias manifestações que enriquecem esse ambiente. Sob essa ótica, discutir sobre processos educacionais inclusivos, em destaque a inclusão dos alunos venezuelanos na referida instituição de ensino requer dar atenção especial também ao posicionamento e as atividades realizadas em benefícios dessa clientela por parte do setor orientação educacional, profissionais que estão diariamente em contato com todos os estudantes e suas

famílias.

No caso dos estudantes venezuelanos que passaram a fazer parte de uma forma expressiva na escola, a professora orientadora educacional do turno matutino expressa que *“o serviço de orientação educacional busca combater qualquer tipo de preconceito ou discriminação no ambiente escolar, tornando assim um ambiente acolhedor aos nossos alunos imigrantes”*. Ao ler essa informação, percebemos pelo pronome possessivo “nossos” que esse atendimento perpassa o âmbito profissional, a preocupação com a integração, o respeito e o atendimento de qualidade supera todas as adversidades vivenciadas por aqueles que estão nessa linha de frente, já que nossas escolas estão passando por dias difíceis e transformadores, os quais o processo de ensino e aprendizagem estão sendo colocados a prova. Isso lembra que o sistema de ensino em toda a sua completude não estava preparado para trabalhar com a questão migratória.

Esse trabalho também se direciona ao primeiro contato com os estudantes imigrantes venezuelanos, instante em que a maneira com que a escola os recebe faz toda a diferença, como nos retrata a orientadora do turno vespertino *“o nosso trabalho se volta para a aceitação de todos com carinho, trabalhando com a equipe pedagógica no cuidado e incentivo na preparação metodológica, que deve ter o objetivo de alcançar o aluno nas suas dificuldades de aprendizagem”*.

Ambas as orientadoras educacionais destacam o cuidado em conhecer mais profundamente esses alunos, como podemos verificar na fala da profissional do turno vespertino, *“temos o cuidado em conhecer todos os alunos matriculados e entender um pouco da experiência que é viver no Brasil”*. Conhecer o aluno imigrante venezuelano faz com que sua inclusão ocorra de maneira mais leve, respeitando seus limites e os progressos que vão sendo adquiridos com o passar do tempo, além de conhecer a realidade desses alunos estamos dando ao mesmo a oportunidade de ter voz e vez, o que certamente estaríamos cooperando para uma democracia social e quiçá escolar. Paulo Freire (1990) pontua que,

Respeitar os diferentes discursos e pôr em prática a compreensão de pluralidade (a qual exige tanto crítica e criatividade no ato de dizer a palavra, quanto no ato de ler a palavra) exige uma transformação política e social [...]. A legitimação desses diversos discursos legitimaria a pluralidade de vozes na reconstrução de uma sociedade verdadeiramente democrática. (FREIRE apud OLIVEIRA 2015, p.82).

Dada a importância de procurar saber quem é esse aluno, podemos muito

bem lembrar a experiência de Paulo Freire à época do exílio que teve início na Bolívia, em setembro de 1964, após ser perseguido e preso pela Ditadura Militar. Freire viveu experiências não só políticas, mas também educativas que até hoje nos servem de legado, aprendizagens que salientam a compreensão das diferenças, do estar no mundo e das outras formas de ser no mundo.

Não é fácil dar uma explicação do que o exílio foi para mim como aprendizagem. Eu não tenho me detido para tomar distância dele e refletir sobre ele. Eu estou nele. Mas alguns pontos a gente pode mostrar. Um deles é a compreensão da diversidade cultural, a compreensão das diferenças. E como é diferente! Como tu não podes fazer juízos de valor a expressões culturais! A tua experiência com outros espaços históricos e culturais termina te ensinando até [universalizar], rompendo com tua parquialidade. Tu deixas de ser uma mente paroquial. Isso, então, significa uma abertura maior a outras formas de estar sendo. (OLIVEIRA apud ANA MARIA FREIRE, 2006, p. 207).

Ao mesmo tempo em que se destacam os problemas relacionados a Língua Portuguesa por parte dos alunos venezuelanos, temos o idioma venezuelano (espanhol) como outro ponto que dificulta a inclusão desses alunos, já que essa situação corrobora não somente para a sua comunicabilidade, mas também para o processo de aprendizagem como um todo. A falta e/ou o pouco conhecimento da Língua Espanhola não somente por parte dos estudantes brasileiros, mas também pelos profissionais que atuam na instituição de ensino faz com que muitos dos que mantêm contato com os discentes venezuelanos sintam-se envergonhados ou sem saber como se comunicar oralmente. Há então uma reciprocidade nessa questão, pois os imigrantes venezuelanos acabam por não expressar muitas vezes suas vontades para que não passem por situações constrangedoras ou não sejam compreendidos.

A professora orientadora educacional do turno matutino destaca que “o domínio da língua espanhola é mais um desafio enfrentado por todos, mas tentamos entendê-los e trabalhamos com os demais para que tenham paciência com os colegas venezuelanos”, o que tende a fortalecer os vínculos e a desenvolver um olhar livre de estereótipos. Desse modo, busca-se melhorar a convivência no que faz referência ao idioma espanhol, uma vez que os professores tentam articular o saber dos alunos venezuelanos como uma maneira de integrá-los e de estimular o contato com os colegas brasileiros fazendo com que ambos aprendam uns com os outros.

Freire (1968) ainda ressalta que não há aprendizagem sem conhecimento da realidade concreta, e, no caso dos imigrantes venezuelanos, não temos como

trabalhar em sala de aula “deixando de lado quem acabou de chegar”, não esquecendo que esse “outro” necessita estar incluso nesse ambiente de saber.

O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos. Aquele aprendizado, por isto mesmo, demanda a compressão da significação profunda da palavra, a que antes fizemos referência. Mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tornam a história nas mãos para, fazendo a, por ela serem feitos e refeitos. Daí que, nesta perspectiva crítica, se faça tão importante desenvolver, nos educandos como no educador, um pensar certo sobre a realidade. E isto não se faz através de blá-blá-blá mas do respeito à unidade entre prática e teoria. (FREIRE, 1968, p.13)

Nesta perspectiva, Paulo Freire (1996) nos chama a atenção para a importância de se levar em conta o que o aluno traz como experiência para a escola, este não chega vazio, mas repleto de informações e saberes que podem e devem ser trabalhados de maneira harmoniosa e em conjunto com os demais estudantes. Assim, conhecer a conjuntura em que o aluno se encontra é um passo a mais para que se consiga trazê-lo para o momento vivido e para que se preserve o que para ele tem significado.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 37-38).

Nessas relações interculturais, o respeito ao outro e ao que lhe pertence implica em reconhecê-lo como ser social detentor de conhecimentos e de identidade. Freire (2004, p.84) aponta que “respeitar a cultura do outro não significa manter o outro na ignorância sem necessidade, mas fazê-lo superar sua ignorância não significa ultrapassar os sistemas de interesses sociais e econômicos de sua cultura”. O discente venezuelano não traz consigo apenas um idioma diferente, mas hábitos, costumes, tradições e demais elementos que são diversos aos dos alunos brasileiros e que com a imigração tendem a ser deixados de lado para que assim possam habituar-se ao que hoje estão em contato.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento (FREIRE, 1996, p. 63).

O respeito e a aceitação da cultura do outro também advêm desse processo, à medida que o diálogo propicia reconhecer o desconhecido e romper com os estereótipos já preestabelecidos em relação aos imigrantes. Nas relações entre culturas, o respeito ao outro e ao que lhe pertence implica em aceitá-lo como ser humano detentor de conhecimentos e de identidade própria. Freire (1967, p.43) assinala que,

A partir das relações do homem com a realidade, resultante de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e dos homens com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades e nem das culturas.

Woodward (2000, p. 22) aponta a migração como uma questão social que contribui para a existência de uma pluralidade identitária, “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”. Heterogeneidades que são notórias quando nos deparamos com os imigrantes venezuelanos que adentram o sistema de ensino público roraimense, que além de tentar manter sua identidade mesmo diante de tantos percalços, ainda trazem as marcas das disparidades vividas desde a saída de “casa”.

A colocação acima vai ao encontro do que fora ressaltado pela orientadora educacional do turno matutino *“lidar com os imigrantes venezuelanos não é fácil, porém não é impossível. A escola procura acolher de forma que o choque de cultura não seja um fator que possa se tornar um problema de adaptação e, com isso, interferir no aprendizado”*. Nesse caso, a cultura precisa ser teorizada sempre pensando que a escola é sim um espaço de diálogo e que essa relação dialógica vai cooperar para o respeito às diversidades existentes nesse local. Sendo assim, o diálogo se torna mais que necessário, devendo ser constante para que todos sejam capazes de entender o outro ao passo que entendem a si mesmos. Freire (1996) conceitua o diálogo entre os seres humanos como uma forma de aprendizado, uma forma de evolução, não existe um produto, o homem se aperfeiçoa a cada instante ao interagir com o outro. Para o autor,

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

Nessa mesma direção, temos a contribuição da intercultura na concepção de Fleuri (2008, p.140) que vem fortalecer os saberes adquiridos a partir do encontro de culturas, sempre enfatizando que essa ação por mais distinta que seja traz crescimento e evolução aos que dela fazem parte. Segundo o autor,

A educação intercultural se configura como uma pedagogia do encontro até as suas últimas consequências, visando a promover uma experiência profunda e complexa em que o encontro/confronto de narrativas diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento.

Desse modo, o diálogo entre as culturas e conseqüentemente entre saberes diferentes faz com que ambos não se sintam em condições inferiores, pelo contrário, nos reafirma o que pensa Freire ao tratar de educação e cultura. Para o autor “a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma, a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p.11.). Nesse sentido, Freire ainda nos lembra que,

Compreender a realidade do oprimido, refletida nas diversas formas de produção cultural- linguagem, arte, música-, leva a uma compreensão melhor da expressão cultural mediante a qual as pessoas exprimem sua rebeldia contra os dominantes. Essas expressões culturais representam, também, o nível de luta possível contra a opressão.

Essa relação possibilita que ambos, tanto estudantes venezuelanos quanto brasileiros tenham suas opiniões e divergências culturais, mas em contrapartida proporcionem o surgimento de novas ideias, reconhecendo o outro e possibilitando, assim, o surgimento de uma relação significativa, já que educação e cultura caminham entrelaçadas.

Sob essa ótica, não temos como deixar de mencionar que além dos problemas enfrentados no ambiente de ensino essas crianças sofrem interferências externas que sem dúvida afetam seu progresso enquanto aluno e ser humano. Acompanhando de perto esses estudantes, tendo dados coletados com a pesquisa e estando em contato direto com discentes venezuelanos constato diariamente que a realidade enfrentada por eles ao chegar em Roraima e o dia a dia em prol da obtenção do mínimo, além das manifestações de recusa, preconceitos e injustiças,

requer dos mesmos muita garra e perseverança. Infelizmente, adentrar e permanecer em uma instituição de ensino nas condições enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos atualmente é uma vitória.

Salienta-se que a realidade contextual em que esses estudantes chegam à escola em busca do aprender, não se trata apenas das questões econômicas, mas da sua totalidade, psicológica, física, cognitiva dentre outras. Com efeito, a carência de acesso aos materiais escolares, o mínimo de recurso financeiro para a locomoção até a escola, a insuficiência de insumos básicos necessários para sua manutenção, a dificuldade em se fazer presente diariamente devido à falta de alimentação, transporte e moradia, a necessidade de acompanhar os pais em busca de trabalho e documentações legais. Todos esses e outros inúmeros fatores corroboram para que a inclusão desses educandos sofra interferências. Desse modo, não há como esperar que o estudante imigrante venezuelano se adapte facilmente se este não possui o mínimo de condições para que isso aconteça.

Além disso, no que tange à vulnerabilidade social em que esses discentes se encontram, salientamos que a peleja pela inclusão destes acontece mediante aos esforços dos profissionais que estão diretamente ligados a essa clientela. Assim sendo, as atividades e os projetos são idealizados e executados pelos profissionais da escola, em destaque os professores, que em meio a tantos outros percalços ainda encontram força de vontade para desempenhar ações que viabilizem a integração e a melhor socialização desses alunos.

Vale ressaltar que a escola não conta com recursos estaduais ou municipais destinados às demandas trazidas por esse público. Para que consigam ajudar esses estudantes, desde a sua entrada e conseqüentemente a sua permanência na escola, os professores arcam com todos os subsídios necessários para que possam oferecer o mínimo de condições a esses alunos. Não informamos casos isolados, mas sim, de situações cotidianas que são enfrentadas diariamente por parte dos educadores. Vale apontar ainda que quando a escola desenvolve projetos, essa tenta articulação com outros órgãos para que possam contribuir de alguma maneira para sua execução, como por exemplo, palestras, orientações, atividades recreativas entre outras.

Ademais, as condições nas quais essas crianças e adolescentes se encontram acarretam impactos em todo o desenvolver de seus estudos, sendo de extrema importância suscitar a reflexão e a posterior discussão a respeito da criação

e implementação de políticas públicas direcionadas às ações desenvolvidas nas escolas em prol dessa demanda. Como salientamos, incluir os estudantes venezuelanos não é somente dispor de vagas nas instituições de ensino, mas buscar suprir de alguma maneira as dificuldades que eles vêm enfrentando. Certamente que não daremos conta de todas as problemáticas enfrentadas, mas a instituição de ensino que dispuser de um recurso voltado ao atendimento escolar desses imigrantes conseguirá atenuar alguns dos problemas por eles vivenciados.

A existência de políticas públicas direcionadas à inclusão dos imigrantes venezuelanos no sistema de ensino público traria um alívio para essas instituições, já que como toda a realidade do nosso estado, nossas escolas não estavam ou estão preparadas para receber esse quantitativo de imigrantes. Diante de todo esse contexto, discorreremos que o processo de inclusão dos estudantes venezuelanos sofreu influência nesse momento de pandemia (COVID-19), à medida que grande parte deles tiveram pouco ou mínimo contato com os colegas, além do fato de que muitos deles não puderam acompanhar as aulas on-line por não possuírem acesso à internet.

O ensino remoto só distanciou ainda mais aqueles que já sofrem por serem excluídos socialmente. Tais questões reverberam a necessidade do empoderamento desse grupo que cotidianamente é inferiorizado dentro e fora do ambiente escolar, sendo a interculturalidade uma forma de ajudá-los na superação desses impedimentos. Nesse sentido, Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 110) destacam,

A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los.

Espera-se uma escola em que o clima de cumplicidade, interação e aprendizado se faça presente, local em que alunos venezuelanos possam construir suas relações tentando ultrapassar as barreiras existentes. Enquanto isso, a escola busca por meio de um ambiente acolhedor, produtivo e consciente atender essa clientela. Para Carvalho apud Barcelos, Maders e Pasini (2016, p.17)

A educação não deve se preocupar em formar crianças para serem úteis à sociedade, mas sim, deve buscar o seu crescer integrados à comunidade

em que vivem. Na educação, não cabe buscar ensinar valores, pois valores não se ensinam, deve-se vivê-los em harmonia e na aceitação mútua do outro. A cooperação não pode ser ensinada, precisa ser vivida na aceitação mútua e no respeito por si e pelo outro.

Como explicitado acima, a aceitação do outro deve ocorrer de maneira harmoniosa e acontecer mutuamente. Não existe sentimento sem reciprocidade. É nesse contexto que direcionamos o debate a outro importante desafio enfrentado pela Escola Estadual Olavo Brasil Filho no que tange a inclusão abordada que é a aceitação e o carinho dispensado a esses estudantes por parte dos demais alunos.

A professora orientadora educacional do turno vespertino destaca como é vista a presença dos estudantes venezuelanos. Para a colaboradora, *“alguns alunos em determinados momentos demonstram dificuldades de aceitação, pois sabemos que existem alunos venezuelanos que chegam muito agressivos e causam problemas de relacionamento e é nesse momento que procuramos trabalhar com todos para assim conviverem bem”*. É bem certo que as estratégias que a escola utiliza e a relação para com esses alunos faz toda a diferença durante a caminhada objetivando a inclusão dessa clientela. Fortalecendo a colocação da orientadora do turno vespertino, temos a exposição da profissional do turno matutino que menciona *“como a escola já desenvolve projetos voltados a esse público-alvo, tanto professores, alunos e toda a comunidade escolar ver como uma situação que deve se ajudar para amenizar o sofrimento deles ao chegar ao nosso país”*.

Mais uma vez ratificamos a tarefa árdua que a escola e os profissionais possuem em meio a tantas outras, que é a de tentar fazer com que os estudantes brasileiros aceitem os novos colegas mostrando aos mesmos que eles são bem-vindos. Por meio de diferentes metodologias, como orientações, palestras, brincadeiras, a escola tenta mostrar e por diversas vezes ensinar aos estudantes venezuelanos que ali é um espaço de integração e respeito e que existem normas a serem cumpridas, tudo isso sendo explicado não somente aos alunos, mas também aos seus responsáveis. Barcelos (2004, p. 08) enfatiza que o papel da escola nesse processo integrativo é de extrema importância pois,

O que se espera da escola é que contribua para que crianças cresçam na vivência de valores e não apenas na sua aceitação e/ou aprendizagem, até porque não se ensinam valores. Há que vivê-los, e, de preferência, em comunidade. É esse viver em comunidade que faz da criança um ser integrante e construtor de mundos.

Não há outro jeito de ampliarmos os horizontes educacionais no que faz

menção ao atendimento ao diverso, ao plural e muitas vezes ao que é visto como “diferente”, se não agirmos e refletirmos em prol desse objetivo. Reflexão só traz resultado com ação, pois “ação e reflexão se dão simultaneamente (FREIRE, 1983, p. 149 apud SILVA, 2013, p. 81). E ao tratarmos de vivência, aprendizagem e valores a partir dessa relação, penso ser importante trazer mais uma vez a sabedoria de Paulo Freire ao falar do amor como pertencente a essa conjuntura, reforçando sempre que esse sentimento quando valorizado e recíproco tende a suscitar no ser humano a vontade em querer que o outro esteja bem, que o outro sinta-se livre e a vontade para se relacionar independentemente do local em que se encontre.

Para Freire (1996, p. 79), “o realizar-se no mundo é possível quando existe amor”, sendo esse um dos propósitos da escola em questão para que assim os alunos estejam efetivamente inseridos nesse ambiente educacional. Neste sentido, Carvalho apud Barcelos, Maders e Pasini (2016, p. 150) também trazem o amor como um fator que desconstrução de barreiras e fortalecimento de vínculos.

Os autores reafirmam que “o propósito do interagir a partir de atos amorosos reforça a ideia de ampliar a desconstrução de conceitos arraigados pelo preconceito em relação a cultura de determinados sujeitos que os tornam diferentes uns dos outros”, o que é bastante reforçado por Freire (1979, p. 29) quando afirma que “o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro”. Vejo aqui um exemplo claro de respeito ao que o outro é e ao que possui enquanto saber.

A perspectiva intercultural vem justamente nos mostrar que o estar na escola não se relaciona apenas a conteúdos programáticos, mas às relações interpessoais que são desenvolvidas nesse contexto. Fleuri (2002, p. 39-40) corrobora que a mesma

Não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais. (FREIRE, 1968, p.13 apud SILVA, 2013)

Pensarmos em uma educação intercultural é reconhecer o valor de cada cultura e evidentemente de cada sujeito, emponderando-o e fortalecendo a consciência do seu potencial enquanto cidadão, tudo isso a partir de relações

dialógicas críticas em que o sujeito aprende e se reconstrói.

Esta reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre diferentes grupos identitários. Além disso, a educação intercultural propõe construir a relação recíproca entre eles. Uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos-legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão-são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções. (FLEURI, 2002, p. 142)

Diante de tais exposições, discutir inclusão no ambiente escolar não é simplesmente voltar nossos olhares para a educação especial e suas vertentes, mas é também tratar da inserção, acolhida e da permanência de alunos que hoje passam por algum tipo de vulnerabilidade social e exclusão. Assim, não seria diferente com os estudantes venezuelanos que diariamente são matriculados nas escolas estaduais de Roraima, em destaque para a instituição em voga.

Ao adentrar a instituição de ensino, a maioria desses estudantes não possuem a documentação exigida para que ocorra a efetivação da matrícula. Nesse caso, os pais e/ou responsáveis recebem orientação para que agilizem esse processo de entrega. Após a matrícula, os estudantes passam por uma avaliação de classificação objetivando ver o nível de aprendizagem e encaminhá-los para o ano escolar equivalente. A respectiva avaliação envolve conteúdo do currículo brasileiro, porém é repassada no idioma espanhol o que para eles é muito bom, haja vista a falta de familiaridade com o português.

Pensar na entrada desses discentes já requer nossa atenção, pois esperamos que a instituição de ensino esteja apta a recebê-los não se tratando apenas de estrutura física, mas de um conjunto apto e consciente em favor da inclusão, mencionando que toda e qualquer escola por natureza já deve ser inclusiva, respeitando e oferecendo a todos a igualdade de acesso e permanência. Vale lembrar que conviver com o diferente nunca foi e nem será tarefa fácil de ser realizada, sendo extremamente desafiador e em muitos casos doloroso.

Eis aqui um dos princípios essenciais para que essa adequação ocorra e que é proposta pela intercultura, uma adaptação a partir da gestão das culturas e nessa condução conhecer a língua é necessário para os alunos venezuelanos sintam-se

acolhidos e se agreguem ao ambiente de ensino, o que é fortificado por Freire (1967, p.42) quando afirma que “a sua integração o enraíza”.

Outro elemento apresentado pelas colaboradoras da pesquisa que se mostra desafiador quanto ao processo de inclusão dessa demanda é a dificuldade em localizar os responsáveis por esses alunos, o que atrapalha não somente a efetivação de sua matrícula, mas também a ambientação e permanência desses discentes na instituição em voga.

Sobre a permanência dos imigrantes, a escola desenvolve a partir desse acolhimento fazer com que eles sintam prazer em vir para a escola, buscam despertar o interesse pelo estudo em meio às dificuldades vivenciadas. Recorrendo a metodologias que fortaleçam a interação e o envolvimento desses educandos, os professores travam batalhas contra os inúmeros desafios apresentados nesse processo afim de que a evasão não se torne frequente no ambiente escolar. Nem sempre a escola alcança o êxito esperado, uma vez que a realidade vivida por esses discentes coopera e muito para que alguns deles pensem na desistência. Fato que muitas vezes ocorre e a escola fica sabendo através de outros colegas de classe.

Como professora sei das inúmeras situações e dificuldades que enfrentamos cotidianamente, porém saliento que mesmo em meio a tudo isso, a escola como um todo deve elaborar estratégias para a permanência desses imigrantes e é claro dos demais alunos. Mais um fator para a existência de apoio às escolas que estão recebendo essa demanda, pois nem sempre as instituições de ensino possuem condições para realizar ações que garantam resultados satisfatórios. Tudo depende de investimento e, como sabemos investir em educação é pensar em um futuro mais promissor e menos desigual, deixando claro que quando há essa imissão os frutos a serem colhidos abarcarão a todos, já que fazemos parte de uma mesma esfera.

Salientamos que a referida instituição de ensino busca estar em constante comunicação com os pais e/ou responsáveis por seus educandos, sempre deixando claro que educação de qualidade se faz com a presença e contribuição da família no processo de aprendizagem e desenvolvimento escolar. Porém, esse trabalho que é acompanhado de perto pelo setor da Orientação Educacional nem sempre obtém êxito devido às constantes mudanças de endereços e números de telefone por parte dos alunos venezuelanos. Conforme indica a colaboradora da pesquisa do turno vespertino: *“há dificuldade dos responsáveis pelos alunos a participarem do seu*

acompanhamento escolar”, o que preocupa a gestão escolar como um todo e evidentemente prejudica o imigrante em todo o seu avançar educacional.

Em decorrência dos fatores sociais e econômicos vividos por eles, a escola não tem como manter um diálogo efetivo sempre quando necessita. Nesse sentido, não há como realizar uma educação de qualidade sem ter o apoio da família. Assim, a escola e família se complementam, manter esse vínculo ativo é essencial para o bom desempenho da criança/adolescente. Conforme Piaget,

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 2007, p.50).

A dúvida quanto à permanência no estado e no país em que se encontram coopera para que o estudante não tenha estímulo para com o estudo, o que é bem explicitado na fala de uma das orientadoras educacionais da Escola Estadual Olavo Brasil Filho. Segundo uma das colaboradoras,

Há a incerteza da permanência na Cidade de Boa Vista, pois a maioria deles querem ir embora para outro estado do Brasil, principalmente para o Sul e também desejam ir para outros países. Essa incerteza faz com que muitos não tenham responsabilidade com os estudos. Existe ainda o problema da mudança de endereço causando assim a transferência escolar.

Essa incerteza acaba por frustrar os planos dos discentes, afetando diretamente seu desempenho escolar e em muitos casos coopera para a evasão de alguns alunos, além do fato de que essa rotatividade de local interfere na prática da língua portuguesa. Mesmo com o acompanhamento por parte da secretaria escolar e orientação educacional, muitas famílias deixam de levar seus filhos para a escola, não comunicam quando viajam, quando retornam para a Venezuela ou quando passam pelo processo de interiorização, sendo transferidos para outros estados brasileiros.

Assim, estar no Brasil passando por dias incertos e inseguros é uma condição que muitos desejavam não estar vivendo, já que sair de seu país de origem foi um tipo de obrigação, não tiveram opção, não foi algo escolhido e pensado, mas aconteceu de maneira repentina e traumática. Diante dessa situação de vulnerabilidade os imigrantes venezuelanos tentam de alguma maneira resgatar um pouco da dignidade perdida e isso inicia com a busca por matrículas escolares,

mesmo não sabendo muitas vezes por onde começar e como agir perante os procedimentos legais exigidos. Adentrando outro país, os imigrantes venezuelanos devem agilizar toda a documentação que é solicitada para estar no país legalmente.

E importante assinalar que o migrante é muito mais que um número a ser registrado numa dada estatística ou num trâmite burocrático de documentos na fronteira; é um homem e uma mulher que devem ser respeitados em virtude de sua dignidade enquanto pessoas, muito além do regime vigente ou do lugar onde residem. Seus direitos não derivam do fato de pertencerem a um Estado ou Nação, mas de sua condição de pessoa cuja dignidade não pode sofrer variações ao mudar de um País para outro. Isso significa que um Estado deve dar ao migrante os meios para facilitar sua permanência e possibilitar-lhe um modo de vida digno, onde o migrante, como qualquer outro cidadão nativo, tenha acesso à saúde, à seguridade social e à educação, no caso dos filhos. (BICUDO, 2018 apud TEIXEIRA, 2009).

Passar a residir em outro país é para os imigrantes venezuelanos, uma alternativa de melhorar economicamente e ajudar os que foram deixados na Venezuela e em alguns casos trazê-los para o convívio local, o que certamente vai requerer do estado e município mais investimento e cuidado em todas as áreas da esfera pública, em especial da área educação e saúde. Sem dúvida, essas são as áreas que têm enfrentado desafios jamais esperados e que se não forem tomadas as devidas providências e conseqüentemente instituído políticas públicas direcionadas ao atendimento dessa demanda iremos vivenciar dias ainda mais desafiadores e incertos.

Como já exposto durante o referido estudo, o ensino a essa clientela tem sido desafiador, mas não podemos esquecer que é na escola que eles encontram um refúgio para não pensar nas condições em que se encontram, que constroem novas amizades, fortalecem os vínculos com quem também saiu do seu país, aprendem mais a respeito do outro e de suas culturas. A escola também propicia, de certa forma, um lugar de esperança, do verbo esperar como nos ensina Freire, para dias melhores na vida de cada imigrante inserido nela.

Outrossim, ao observar e refletir a respeito dessas colocações que giram em torno dos desafios enfrentados pela escola em relação ao processo de inclusão dos estudantes venezuelanos, percebemos a necessidade e a valia de se recorrer à educação intercultural como um meio para fazer com que o estranho, o novo, o desconhecido, seja apreciado e não subjugado e esquecido. Ao escolher e se dispor trabalhar com essa perspectiva escola inicia seu processo de abertura e de atenção às questões que hoje emergem em nossa sociedade, como a imigração, em que a

diversidade cultural é uma das características preponderantes. Tratar de interculturalidade é como destaca Oliveira (2015, p.66)

Em relação à interculturalidade, em suas bases epistemológicas, refere-se à necessidade de superação da clássica dicotomia entre os saberes, levando-nos a pensar a educação como prática social de formação cultural e humana na qual se valorizam os saberes da experiência e os valores dos grupos socialmente excluídos.

Como nos referencia a citação acima, devemos reconhecer a existência de uma pluralidade de conhecimentos independente de quem ou em que momentos surgirem, e a escola como parte desse contexto deve estar se atentar para uma prática em que o ser humano possa a cada instante ser mais, evoluir com as experiências do outro e crescer na diferença.

5 CONCLUSÃO

Iniciar a etapa de conclusão da referida dissertação me fez voltar no tempo e refletir sobre tudo o que vivenciei nessa caminhada, confesso que não foram dias fáceis, mas foram certamente de muito aprendizado e descobertas que não acrescentaram somente o meu lado profissional, mas especialmente o pessoal, já que lidar com educação e ser humano não influencia somente no meu desempenho diário como professora e assistente social, mas também no meu lado mãe e cidadã.

Concluir essa dissertação foi desafiador devido também aos contratempos surgidos a partir da pandemia que ainda estamos vivenciando, porém pude constatar e sentir mais uma vez o quanto nossa educação necessita de cuidado, atenção, investimento e respeito e o quanto ela ainda é excludente e seletiva. Discutir, refletir e estudar educação não se faz somente olhando para o externo, mas também tentando desvendar o que permeia o interior daqueles que fazem parte desse contexto. Além de ter em mente que ela possui inúmeras particularidades que devem ser compreendidas para que assim possa ser ofertada com qualidade e democraticamente, não excluindo e expondo, mas que possa incluir aqueles que sofrem diante de tantas exceções e disparidades. Sempre respeitando, desse modo, as necessidades, diferenças e particularidades de cada um.

Ressalto que a educação não é a solução para todas as mazelas sociais existentes, pelo contrário, ela deve servir como importante elemento para atuar contra essas problemáticas e deve contar o apoio tanto dos nossos representantes, quanto da família, sociedade em geral e de todos que fazem parte do contexto escolar. Com efeito, a educação nos serve como um fundamento para sermos libertos das inúmeras opressões que vivenciamos todos os dias, o que requer que nossas escolas estejam preparadas para trabalhar com as diversidades que surgirem e para formar cidadãos capazes de lutar contra todas essas pressões e opressões, para não esquecer de Paulo Freire.

Nesse sentido, uma das situações que vivenciamos atualmente nos remete a educação e imigração, estudo que me propus realizar para não somente compreender como essas pessoas chegam ao nosso estado, mas que busquei como objetivo geral analisar os desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho, numa perspectiva intercultural de educação. Instituição escolar que

busca por meio da realização de atividades, projetos e principalmente o diálogo, mesmo que muitas vezes dificultoso, acolher e integrar os alunos imigrantes venezuelanos que diariamente adentram a escola.

Outrossim, ao desenvolver minha pesquisa pude concluir que a escola é um ambiente pluriétnico e que enfrenta inúmeros problemas para desempenhar seu trabalho de maneira exitosa, buscando enfrentar manifestações como preconceito, bullying, não aceitação do que é visto como diferente etc. A entrada dessa clientela nem sempre acontece de maneira natural como bem externado pelas profissionais do setor da orientação educacional, já que esses alunos trazem consigo a dificuldade com a nossa língua materna necessitando de tempo para essa adaptação, apresentam um idioma diferente requerendo também o esforço por parte dos profissionais da escola para que ocorra a comunicação, trazem consigo aspectos culturais e conhecimentos que são diferentes dos nossos e que nem sempre são aceitos e compreendidos por parte dos demais colegas.

Como apresentado no meu trabalho, um dos desafios refere-se ao domínio da língua portuguesa que acaba por ser um fator determinante para a inclusão desses alunos, já que isso interfere na sua entrada e permanência na instituição de ensino, pois além de tentar superar as dificuldades que enfrentam diariamente como a fome, a falta de moradia, a rejeição social, dentre outras, ainda tem que buscar meios de se comunicar com os brasileiros de forma compreensível. Para esses imigrantes é notório que esse domínio da língua é um fator de aceitação que possibilita sentirem-se inseridos nos ambientes em que frequentam.

Menciono que a aceitação e o convívio pacífico entre os alunos brasileiros e imigrantes acontece a partir das estratégias utilizadas pelos professores, coordenação pedagógica e orientação educacional, que em um trabalho conjunto tentam fazer com que toda a demanda escolar tenha respeito uns pelos outros.

Outras colocações já salientadas em meu estudo fazem deferência às questões sociais enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos que interferem no seu desenvolvimento educacional: a difícil participação e localização da família; as mudanças de endereço que são constantes; a falta de domínio do idioma espanhol por parte dos profissionais da escola; a não existência de políticas públicas direcionadas ao acolhimento e ajuda aos imigrantes venezuelanos no que se refere a sua escolarização como um todo. Quando trago essa parte de políticas públicas, penso também ser de extrema necessidade a capacitação dos professores e demais

profissionais da área da educação quanto a Língua Espanhola, já que atualmente tem sido desafiador atender essa clientela sem saber ao menos o básico da língua materna deles. Como ensiná-los sem saber o necessário para que nos comuniquemos claramente?

Outra questão seria a oferta de cursos voltados a Língua Portuguesa para esses estudantes, convênios com instituições, parcerias com universidades e faculdades que possuem graduações nessa área. Tudo isso sendo mencionado porque as escolas não possuem estruturas físicas e muito menos metodológicas para suprir as necessidades surgidas a partir desse processo imigratório.

Penso e saliento mais uma vez que incluir os estudantes venezuelanos não é somente matriculá-los em uma instituição de ensino garantindo o direito deles à educação, mas é garantir essa educação de qualidade. Assim, almejando ofertá-los um ensino de qualidade e incluí-los de forma respeitosa, a Escola Estadual Olavo Brasil Filho procura amenizar os desafios encontrados realizando projetos que trabalhem com os aspectos culturais dos imigrantes criando espaços e atividades que valorizem a cultura venezuelana, compreendendo o idioma, tradições, culinária, festas.

Essas ações objetivam fazer com que os alunos brasileiros conheçam um pouco do que eles têm a nos oferecer, realizações que chamam atenção e que colaboram para a superação dos desafios diários. Vale lembrar que os esforços da equipe que compõe a referida instituição de ensino fazem com que essas estratégias obtenham êxito, pois mesmos em meio a tantos percalços ainda pude constatar professores e demais profissionais movidos no intuito de acolher os estudantes venezuelanos de forma que eles sintam o bel-prazer de estar na escola, o ir para casa e a vontade de voltar para o ambiente escolar devem estar em consonância. Os discentes devem ter prazer em frequentar a escola.

O convívio e a aceitação a partir desses trabalhos se torna mais fácil já que toda a escola se envolve em prol de um só objetivo, incluir quem já vem sendo excluído socialmente. O efeito que esses projetos e as atividades integrativas causam nesses discentes e na escola como um todo só ressalta a importância da existência de contextos em que valorizem o ser humano em sua completude, que suscite nele a vontade de querer bem ao outro, que reconheça o valor de cada cidadão e do espaço escolar como um ambiente sério e comprometido com a sociedade em geral.

Outro fator que merece ser elencado é o fato de que as ações proporcionadas sempre procuram agregar família, sociedade e escola a fim de que todos participem desse processo e cooperem para que esses imigrantes se sintam acolhidos e de alguma forma abraçados. A comunicação é o que fortalece essas ações. Assim, a escola mantém o vínculo comunicativo ativo com os discentes, como também com as famílias, desse modo, lembramos Paulo Freire (1967, p. 107), que afirmava “[...] por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”.

Percebo que tudo isso fortalece o convívio entre os estudantes, coopera para o acolhimento dos alunos venezuelanos, além de reduzir o número de educandos que deixam de frequentar a escola, avultando que essas questões estão sendo alcançadas por meio da perspectiva intercultural de educação que valoriza os saberes das classes mais vulneráveis, estimula o diálogo e reconhece o valor de cada cultura. Como nos cita Boaventura Santos (2003, p. 53),

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Estudando sobre a interculturalidade pude compreender como esta coopera para o desenvolvimento do ser como um todo e como as escolas podem recorrer a essa perspectiva a fim de incluir e trabalhar com questões relacionadas a diversidade de maneira simples e de fácil aceitação. Com efeito, a interculturalidade destaca e faz sobressair aspectos que muitas vezes estão esquecidos no ambiente escolar devido a tantas outras tarefas e cobranças, a exemplo, o diálogo, convivência democrática, a busca pela integração, o fomento ao lado criativo e humano dos estudantes, além de ser uma proposta pedagógica que acaba por enriquecer mutuamente a totalidade educacional, como nos mostra Candau (2014, p. 01),

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos - individuais e coletivos -, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça - socioeconômica, política, cognitiva e cultural -, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença.

Todo esse estudo foi de extrema importância no sentido de me possibilitar a compreensão do vasto campo inclusão, sem delimitá-la a um só aspecto, reforçando a afirmativa de que não há como incluir as classes que se encontram em vulnerabilidade social sem nos atentarmos para as dificuldades que eles trazem consigo, isto é, o que eles vivenciam externamente ao ambiente escolar. Desse modo, garantir o acesso de todos é ofertar-lhes um ensino de qualidade, já que isso contribuirá tanto para sua permanência no ambiente escolar quanto para a viabilização de um futuro promissor.

Embora eu já faça parte desse contexto que é a educação e que todos os dias me depare com os desafios e com as mazelas que temos de superar, confesso que conhecer a interculturalidade na educação me trouxe esperança de dias melhores, me fez perceber que não estou equivocada quando luto pela igualdade e democracia escolar, quando busco fazer com que meus estudantes respeitem as escolhas e os aspectos culturais do outro, ao priorizar o diálogo ao invés de acusações e apontamentos, ao ver que há sim espaço para o amor nas suas diversas formas de manifestação. Agora eu compreendo todos os meus questionamentos e anseios.

Posso afirmar que realizar todo esse processo de construção de conhecimentos sobre educação, imigração, inclusão e interculturalidade foi extremamente valioso. Não poderia deixar de ressaltar quão magnífico foi para mim estudar Paulo Freire e suas contribuições educacionais. A cada leitura parecia que eu entendia ainda mais a minha missão enquanto professora, por vezes me emocionei com suas colocações e principalmente entendi os motivos que o levaram a chamar a nossa atenção para o diálogo e para uma educação amorosa, valorativa, respeitosa, dedicada e principalmente humana.

Por fim, espero que todo esse esforço sirva de mola propulsora para que outras pessoas sintam interesse em estudar e entender mais a educação e sua conjuntura e que seja o início para que outras pesquisas dessa natureza sejam realizadas.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **A Missão do ACNUR.** 2014. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/português/informação-geral/a-missão-do-acnur>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro.** São Paulo: Cortez, 2016.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Educação Inclusiva: transformação social ou retórica?** In: OMOTE, S. **Inclusão: intenção e realidade.** Marília, SP: Fundepe Publicações, 2004.

AVELINE, R. S. **O Novo Estatuto do Estrangeiro (Projeto de Lei 5.655/2009) em abordagem comparativa e sociológica.** REVISTA ATITUDE – Construindo Oportunidades, Porto Alegre, VI, janeiro a junho 2012.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; Maders, Sandra; PASINI, Carlos Giovanni Delevati. **Cenas e cenários interculturais: pesando epistemologias a partir do sul.** Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016. 334p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: abril de 2019.

CALEGARI, M. **O fluxo migratório de estudantes internacionais na UNICAMP.** In: Anais da Semana CS, Campinas, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Concepção de educação intercultural.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. (Documento de trabalho).

_____. **Sociedade, educação e cultura(s):** Questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem Fronteiras. V: 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CARRARO, Aryane. **Valentes:** histórias de pessoas refugiadas no Brasil / Aryane Carraro, Duda Porto de Souza; Ilustrações: Rafaela Villela. 1ª ed., Seguinte: São Paulo, 2020.

CECCHETTI, Elcio; POZZER, Adecir (organizadores). **Educação e diversidade cultural:** tensões, desafios e perspectivas. Blumenau: Edifurb, 2014. 244p.

FLEURI, Reinaldo M. **Intercultura e Educação.** Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Maio, jun/jul/ago, 2003, nº 23.

_____, Reinaldo M. **Intercultura:** estudos emergentes. (Org.) FLEURI. R. M. Ijuí. UNIJUI, 2002.

_____, Reinaldo M. **Políticas da diferença: para além dos estereótipos da prática educacional.** In: Revista Educação & Sociedade, vol. 27, n. 95, p. 331-334, maio/ago, 2006. Disponível em : www.cedes.unicamp.br. Acesso em 15/12/2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1968. 149 p. Coleção: O Mundo Hoje, v.10.

_____. **Conscientização e Alfabetização:** uma nova visão do processo. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº4, abr-jun, 1963.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4r. São Paulo: Moraes, 1980c.

_____. **Educação e Mudança/ Paulo Freire.** Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação, vol.01.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e Grupais:** IN: M.W.Bauer, & G.Gaskell (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GIDDENS, Antony. **Sociologia.** 6ª ed. Lisboa. 2008. P. 20-47.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, M. **Imigrantes na cidade de São Paulo.** In: PORTA, P. (Org.). História da cidade de São Paulo, a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e

terra, 2004, p. 121-151. V.3.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.ibge.com.br. Acesso em: 03 de jul. 2021.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Migrantes**. 2013. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/>>. Acesso em 25 de abril de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARKONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 26 de maio de 2019.

LDB, **Lei de Migração**. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm > Acesso em: 30 abril de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: teoria prática. 6ª ed. rev. e amp. – São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LIMA, V. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Menga Ludke, Marli E. D. A. André. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2020.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo**: muito além da riqueza e da diferença. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. **Inclusão**: entre pedagogias, espaços e saberes. In: **A educação e a inclusão na contemporaneidade**. Cinara Franco Rechio; Vanessa Gadelha Fortes (Orgs) – Boa Vista: Editora da UFRR, 2008, p. 109-139.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa, CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escolar e cultura(s)**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação. Nº 23, 2003.

MOREIRA, A. **Proposta Pedagógica**. In: Salto para o futuro. Currículo: Questões contemporâneas sobre a qualidade na educação básica. Brasil: Ministério da Educação, Secretaria da Educação à Distância, 2008. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/Curriculo.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Maria Cecília de Souza Minayo (Org.); Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Séries Manuais Acadêmicos)

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire**: gênese da educação intercultural no Brasil / Ivanilde Apoluceno de Oliveira. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração**: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI / Odair da Cruz Paiva. São Paulo : Arquivo Público do Estado, 2013. PDF (Coleção Ensino & Memória, 2).

PEROZA, Juliano; SILVA, Camila Pompeu da; AKKARI, Abdeljalil. **Paulo Freire e a Diversidade Cultural**: contribuições para uma educação transcultural. Revista Reflexão e Ação (Revista do PPGE da Universidade Santa Cruz do Sul/UNISC). Santa Cruz do Sul, v.21, n.2. p. 461-481, jul./dez.2013.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIRES-SANTOS, Maria Elena. **O Cenário multilíngue/ multidialetal/ multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social.** Tese de Doutorado. UNICAMP. 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 18ª ed. RJ: Vozes, 2007.

ROCHA, Claudine Rodembusch. PADILHA, Ivonir. **Direitos Humanos, Migrantes, Refugiados e Apátridas: Evolução e Conceito Histórico, Contribuição e Eficácia dos Tratados Internacionais na Constituição do Brasil.** III Colóquio de Ética, Filosofia Política e Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2016.

ROVIGATI, Danilo Alyrio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração.** Volume único. Rovigati, Danilo Alyrio – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

SANTOS, B.S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. **Educação Popular e Pedagogia do Conflito: princípios para a construção de currículos emancipatórios.** In: CECCHETTI, POZZER Adecir (organizadores). **Educação e diversidade cultural: tensões, desafios e perspectivas.** Blumenau: Edifurb, 2014. 244p.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico [livro eletrônico].** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, O. G; NAVARRO, E. C. **A Relação Professor-Aluno no Processo Ensino Aprendizagem,** 2012. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) nº 8, Vol:

3 p. 95 55 -100. ISSN 1984-431X. (On-line). Disponível em:<
<http://revista.univar.edu.br>>. Acesso: 03 março de 2021.

SILVA, Tomaz da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathyn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SHEPHARD, B. **A longa estrada para casa**: restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra. São Paulo: Paz e Terra, 614p. 2012.

TEIXEIRA, Paula de Araújo Pinto. **Direitos humanos dos refugiados**. Prismas: Dir., Pol. Publ.e Mundial., Brasília, v. 6, n. 1, p. 15-34, jan./jun. 2009.

VEIGA NETO, Alfredo. **Neoliberalismo, Império e Políticas de Inclusão – Problematizações Iniciais**. In: **A educação e a inclusão na contemporaneidade**. Cinara Franco Rechio; Vanessa Gadelha Fortes (Orgs) – Boa Vista: Editora da UFRR, 2008, p.11-28.

YIN, R.K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

<https://www.google.com/search?q=dados+do+ibge+sobre+imigrantes+no+brasil>. Acesso em: 25 de março de 2021 as 09:18 h.

<https://escola.britannica.com.br/artigo/Roraima/483528>. Acesso em 12 de dezembro de 2021 as 20:29.

APÊNDICES

Apêndice I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Roteiro de questionário para ser aplicado ao/a Orientador/a Educacional da Escola Estadual Olavo Brasil Filho

Identificação

Nome:

Turno: _____

1. Quais os principais desafios encontrados pela orientação educacional no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos (as) regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho?

2. Como é lidar com alunos venezuelanos?

3. A escola realiza ações que efetivamente incluam os discentes venezuelanos?

4. Como o setor de orientação educacional coopera para a integração dos (as) estudantes venezuelanos (as) regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho no que se refere a sociabilidade e ambientação dos mesmos?

5. Como é vista a presença de estudantes imigrantes venezuelanos (as) na escola por parte dos demais alunos (as)?

6. Em sua concepção enquanto professora ou atuante do sistema educacional roraimense, como a escola pode ajudar os (as) alunos venezuelanos (as) regularmente matriculados (as) na Escola Estadual Olavo Brasil Filho no quesito adaptação e aprendizagem?

7. Quais são as maiores dificuldades vivenciadas por esses (as) estudantes que são relatadas aos profissionais do setor da orientação educacional?

Apêndice II

TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AO ORIENTADOR/A EDUCACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL OLAVO BRASIL FILHO.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Roraima-UFRR / Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

TÍTULO: O Processo de Inclusão dos Estudantes Venezuelanos em uma Escola Pública da Rede Estadual de Ensino numa Perspectiva Intercultural de Educação.

PESQUISADORA: Aline Ellen Nunes de Carvalho

ORIENTADOR (A): Prof^a. Dr^a. Ivete Souza da Silva

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem a finalidade de convidá-lo a participar do projeto de pesquisa intitulado “ O Processo de Inclusão dos Imigrantes Venezuelanos em uma Escola Pública da Rede Estadual de Ensino, numa Perspectiva Intercultural de Educação”. O objetivo geral da pesquisa é analisar os desafios encontrados no processo de inclusão dos estudantes venezuelanos regularmente matriculados na Escola Estadual Olavo Brasil Filho em Boa Vista-RR numa perspectiva intercultural de educação. Assim, caso aceite participar, o procedimento para a efetivação dessa etapa acontecerá com sua participação respondendo um questionário que, devido a pandemia vivenciada respeitará todos os protocolos e determinações da Organização Mundial de Saúde – OMS.

Nesse instante, você responderá um questionário e dialogarão sobre aspectos condizentes à pesquisa. Mesmo tendo conhecimento de que o projeto de pesquisa oferece risco mínimo aos participantes, informo que se porventura em algum momento sentires algum desconforto, incômodo, nervosismo ou qualquer outra situação, a pesquisadora buscará outras formas para coletar os dados necessários. Reiniciando-a quando houver a devida autorização.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será elaborado em duas vias rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, conforme estabelece a Resolução 466/2012, sendo uma das vias entregue a você (participante da pesquisa). Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
4. Procurar esclarecimentos com o Ivete Souza da Silva, no telefone (95) 3621-3154 ou Coordenação do Curso de Artes Visuais Campus Paricarana: Av Ene Garcez, nº 2413. Bairro Aeroporto. Bloco 1, sala 130.

Eu, _____, declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e AUTORIZO a divulgação do meu nome na escrita da Monografia, bem como, na divulgação de seus resultados em revistas, periódicos e eventos da área, e assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Boa Vista-RR, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante da pesquisa

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações referentes a pesquisa ao participante, de forma apropriada e voluntária.

Boa Vista-RR, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Contato das pesquisadoras: Universidade Federal de Roraima, Campus Paricarana, Bloco I, sala 117.

E-mail: ivete.silva@ufr.br; Telefone:(95) 3621-3154.

Contato do (a) pesquisador (a): (95) 99122-5856; E-mail: alineellennunes@gmail.com

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRR: Endereço do CEP/UFRR: Bloco da PRPPG-UFRR, última sala do corredor em forma de T à esquerda (o prédio da PRPPG fica localizado atrás da Reitoria e ao lado da Diretoria de Administração e Recursos Humanos – DARH).

Av. Cap. Ene Garcez, 2413 – Aeroporto (Campus do Paricarana), CEP:69.310-000 - Boa Vista-RR.

E-mail: coep@ufr.br

Telefone: (95) 3621-3112 Ramal 26

OBS: O TCLE deve ser rubricado em todas as páginas e assinado pelo participante e pelas pesquisadoras responsáveis pela pesquisa.

Para maiores informações observar itens IV. 3 e IV.5 da Resolução 466/2012 para elaboração do TCLE.

Fica autorizada a publicação e apresentação das informações coletadas, respeitando as condições estabelecidas anteriormente.